



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

BEATRIZ DOS SANTOS BATISTA

**A SAÚDE LIDA E CONSUMIDA NO JORNAL A UNIÃO: A MEDICALIZAÇÃO
DA CRIANÇA E DA MULHER PARA TORNAR O CORPO ROBUSTO E
SAUDÁVEL (PARAÍBA, 1926 A 1935).**

CAMPINA GRANDE- PB

2019

BEATRIZ DOS SANTOS BATISTA

**A SAÚDE LIDA E CONSUMIDA NO JORNAL A UNIÃO: A MEDICALIZAÇÃO
DA CRIANÇA E DA MULHER PARA TORNAR O CORPO ROBUSTO E
SAUDÁVEL (PARAÍBA, 1926 A 1935).**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural

Orientador: Roberto Silva Muniz

CAMPINA GRANDE- PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B333s Batista, Beatriz dos Santos.

A saúde lida e consumida no Jornal A União [manuscrito] : a medicalização da criança e da mulher para tomar o corpo robusto e saudável (Paraíba, 1926 a 1935). / Beatriz dos Santos Batista. - 2019.

95 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Prof. Me. Roberto Silva Muniz, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. História cultural. 2. Propaganda de jornal. 3. Prática educativa. 4. Corpo humano. I. Título

21. ed. CDD 907.2

BEATRIZ DOS SANTOS BATISTA

**A SAÚDE LIDA E CONSUMIDA NO JORNAL A UNIÃO: A
MEDICALIZAÇÃO DA CRIANÇA E DA MULHER PARA TORNAR O CORPO
ROBUSTO E SAUDÁVEL.**

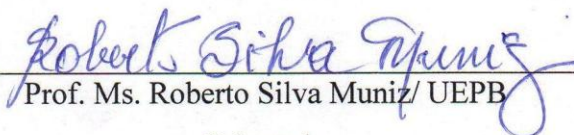
(PARAÍBA, 1926 A 1935).

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao curso de Licenciatura em
História do Centro de Educação da
Universidade Estadual da Paraíba UEPB,
Campus I em cumprimento aos
requisitos necessários para obtenção do
grau de licenciatura em História.

Orientador: Roberto Silva Muniz

Aprovado em: 26/06/2019

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Roberto Silva Muniz/ UEPB

Orientador


Prof. Dr. Auricélia Lopes Pereira/ UEPB

Examinadora


Prof. Dr. Maria Do Socorro Cipriano / UEPB

Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico essa pesquisa a meu avô materno José Marculino (In memoriam) tenho certeza que onde quer que esteja está feliz. A meu pai e minha mãe presenças fundamentais em minha vida. Por caminharem comigo e suavizarem os percalços.

AGRADECIMENTOS

"A felicidade aparece para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que passam em nossa vida."

Clarice Lispector

Entre o acalento de beijos, de abraços apertados e palavras de apoio de familiares e amigos, para além de simplesmente sentir a vida passar, sentia pulsar e me impulsionar o amadurecimento. Enquanto os dias passavam e deles recolhia as mais intensas experiências, entre o sim e o não, a ousadia e a retração, estas corrigíveis páginas guardavam segredos, tentavam esconder o labor do cotidiano através de palavras cerimoniosas. Terminar esse trabalho exigiu de mim mesma um grande esforço... Finalizo esta pesquisa muito feliz e satisfeita.

O agradecimento existe para expressar o sentimento de gratidão que neste caso é o momento de reconhecimento a todas as pessoas que presenciaram. Além de, dizer 'obrigada' deve acrescentar que, com maior ou menor inserção de atitudes ou palavras de outrem, neste processo, indistintamente, todas as pessoas, foram importantes, essenciais e significativas. Ao longo do percurso de escrita da monografia muitas pessoas me apoiaram e emanaram boas vibrações para que eu conseguisse terminar, todas, cada uma a seu modo, me ajudaram a tornar estes últimos anos mais leves.

Agradeço ao meu amado orientador Roberto Muniz em suas aulas me fez amar a teoria e ter sempre desejo a ler, obrigada por me ensinar tudo que eu desconhecia e por ser

uma pessoa humana disposta a ajudar. Amparando-me e auxiliando em minhas leituras e correções, você foi essencial em toda minha vida acadêmica desde o primeiro período e assim será para sempre. Obrigada, por todas as indicações de livros para que essa monografia fosse construída, sem você eu não teria conseguido. Você me inspira!

A professora e amiga Marinalva Vilar por ter me apresentado o tema a partir de sua tese de mestrado. Você que sempre me ajudou merece os meus mais sinceros agradecimentos. Foi Deus que a colocou para guiar meus passos. Agradeço aos ensinamentos que aprendi com você durante a Residência Pedagógica e sobre a vida, tenha certeza onde quer que eu esteja vou lembrar. Obrigada por tudo que fizeste por mim!

Agradeço imensamente aos funcionários da Biblioteca Dr. Silvino Olavo localizada em Esperança, pelo acolhimento, carinho e atenção. Foi muito proveitoso passar esses meses da pesquisa ao lado de vocês que me deram uma força enorme e até diziam: “Você escolheu um tema difícil, menina”. O meu trabalho só está sendo concretizado graças a este arquivo. Muito obrigada!

A CAPES pelas bolsas do PIBID e da Residência Pedagógica, sem elas esse sonho não estaria se concretizando. Oriunda de família pobre de fato precisava de uma bolsa para continuar os estudos. A vocês meus mais sinceros agradecimentos.

A Auricélia Lopes pela bolsa do PIBID durante dois anos, em um dos momentos mais difícil a tão esperada bolsa chegou, eu não tenho palavras suficientes para lhe agradecer. Você não sabe o quanto essa bolsa me possibilitou chegar até aqui. Obrigada por tudo!

A minha querida e doce professora Socorro Cipriano por ter me dado a oportunidade de participar de seu projeto de extensão. Obrigada por tudo!

A Patrícia Cristina de Aragão por ter sido além de professora. Pessoa iluminada, humana e especial um ser que suaviza os percalços, ser que impulsiona os alunos a sonhar e também viver. Obrigada, por ter me concedido a bolsa da Residência Pedagógica.

A Professora Paula Castro por ser essa pessoa de uma alma tão magnífica. Obrigada por me permitir ter a experiência com o PIBIC e também obrigada pelos momentos de alegrias.

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba do curso de História campus I que foram fundamentais no processo de crescimento pessoal e profissional, que é a Graduação. Em especial a Aparecida Barbosa, Alberto, Babi, Iordan Queiroz e José Junior, vocês são exemplo da mais perfeita combinação entre sabedoria, humanidade e competência.

A turma PPHG da UFCG e ao professor Iranilson Buriti por me permitir ser aluna especial de sua disciplina, na qual pude contemplar suas divinas aulas e ter aprendido mais sobre o tema que pesquiso. Obrigada também pelas indicações de livros, você é muito especial!

Não saberia escrever sem a colaboração de colegas, da Universidade que me ajudaram com as suas idéias e reflexões. Aos meus colegas de sala. Em especial a minha

amiga Thais de Costa Almeida porque no meio de momentos de tempestades, ela me amparou. Obrigada por ser a minha confidente de todas as horas, nos piores e melhores momentos.

A Natália Correia, obrigada pela companhia desde o início do curso, com você aprendi a valorizar e amar a vida. Ao longo do curso compartilhamos nossas inseguranças e realizações. Com você também aprendi a fortificar a fé, você que foi ventania e abrigo terá pra sempre um lugar no meu coração.

A Raquel Araújo por ser essa doce menina, com ela eu conseguia ficar mais leve. Dona dos melhores conselhos. Obrigada por me entender sempre mesmo quando minha bipolaridade era constante. Vou sentir falta do nosso dia a dia. Que seu futuro seja gigante!

Ao meu amigo João Neto, tuas alegrias foram essenciais para a rotina da Universidade ficar mais leve. Queria ter o tamanho da tua força!

Aos colegas da vida Aline, Emília, Fernanda Borges, Mylla e Rivaldo pelos momentos de alegria.

A Rita Rodrigues obrigada pelo seu carinho que Deus te conceda muitos anos de vida.

A minha mamãe que se parece tanto comigo, dona de uma garra enorme, sempre me ensinou a ser dona de mim. Recordo-me quando contava à dificuldade que passou em

São Paulo para conseguir me manter e toda essa história me fez a mulher que sou hoje. Obrigada por me amar do jeito que sou.

Ao meu pai, Raimundo Nonato que me mostra o quanto é importante sorrir, o quanto a vida vale à pena e o que significa o verdadeiro amor. E, principalmente, por ser a pessoa em quem me espelho com orgulho.

Aos meus irmãos, João Victor, Pedro Henrique e Bruna Cristina por me apoiarem e sempre estarem comigo. Amo vocês!

A minha sobrinha Ellen Cristina por ser um pacotinho de alegria na nossa família, você chegou na melhor hora e você é presente de Deus. Obrigada minha menina por ter me feito sorrir nos momentos tristes.

Aos meus familiares paternos e maternos, tias (os), primos (as) e em especial a minha avó Severina mulher de uma fé inabalável que mesmo sem entender minha ausência, acredito que eu estava sempre em suas orações. Que Deus te conserve.

Por fim, permita-me o prezado leitor o último e mais importante registro dessa longa lista. Agradeço a Deus, tão singelo e grandioso, pela minha vida, pela saúde e pela resignação diante das dificuldades. Quando tudo ficava difícil era Ele que me mostrava o caminho a ser seguido e enxugava minhas lágrimas. Foi o teu amor que me amparou só eu e você sabe o quanto foi difícil chegar até aqui. Inúmeras falhas, inúmeras dores. “Mas se confiarmos em Deus e a Ele recorrermos, Ele nos socorrerá e nos dará aquilo que nos falta, até mesmo quando já não podemos fazer nada por nós mesmos”. (cf.Sl 127).

A todos, portanto, o meu muitíssimo obrigada!

Como disse o poeta Carlos Drummond de Andrade: “Eu preciso de todos”.

RESUMO

O presente trabalho analisa como o corpo foi construído pelas imagens das propagandas de medicamentos, problematizando a difusão dos discursos médico-higienistas, a medicalização e as representações dos corpos na Paraíba. O cenário escolhido para tal análise foi o Jornal A União entre os anos de 1926 a 1935, recorte temporal desta pesquisa. A modernidade pretendida neste período tinha no campo científico e principalmente em áreas como a medicina, a eugenia, o higienismo, e o sanitarismo aliados e promotores de uma cruzada contra o atraso, a “degenerância das raças”, a sujidade e as doenças, que segundo tal pensamento assolavam o país. Destarte, evidenciamos os estudos das representações do corpo e das corporeidades, em diálogo com o campo das sensibilidades, na medida em que buscamos questionar as diversas formas de perceber e descrever o corpo doente e o corpo saudável bem como as estratégias de educação dos sentidos e incentivos a novas práticas cotidianas balizadas pelo discurso científico, que intentava civilizar, normatizar e medicalizar o corpo, tornando-o saudável, em dia com os preceitos médico-sanitários. As mensagens midiáticas são portadoras de sentidos e estas serão mais bem sucedidas à medida que o ‘cidadão comum’ não se dê conta de seu caráter ideológico. A perspectiva teórica é a História Cultural. O objetivo é analisar como os anúncios de medicamentos, publicados no Jornal A União na Paraíba entre 1926 a 1935 do século XX, construíram práticas educativas de saúde e contribuíram para a mudança no hábito de cuidar do corpo.

Palavras-chaves: Corpo; Jornal A União; Medicamentos.

ABSTRACT

This study analyses how the Human Body was constructed by the images of medicines advertisement during the first decades of the twentieth century in the state of Paraíba. Problematizing the dissemination of Medical Hygienists discourses, the medicalization and the representations of Human Bodies in Paraíba's state. The scenario chosen for this research embraces a period from 1926 to 1935, bases on the published advertisements of the *Jornal a União* involving the theme. The intended modernity already exists in the scientific field, especially in areas such as: the medicine, the eugenism, the hygiene and sanitarianism, the "races degeneracy", the dirtiness and diseases, which according to the rumors of that time ravaged the country. Therefore, we point out the studies about the Human Body representations and the corporeality, in a close dialogue with the field of the sensitivities. Which allows us to put in doubt the different ways of perceiving and describing the diseased body and the healthy body, as well as, the strategies of education of the senses and incentives to new daily practices, marked by the scientific discourse that tries to civilize, standardize and medicalize the Human Body, making it healthy, following the medical-sanitary precepts. The media advertisements are carriers of meanings and tends to be more successful as the 'ordinary citizen' does not take account of its ideological character. The theoretical perspective is historical-cultural.

Keywords: Body; Journal of the Unior; Medicines.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Dr. Oscar Oliveira Castro	27
Imagem 2- As fadigas dos trabalhos domésticos	31
Imagem 3- A vida social é fatigante.....	33
Imagem 4- Ainda não é hora filhinha.....	34
Imagem 5- Uma valiosa ajuda para ganhar robustez	36
Imagem 6- Venceu!!!	49
Imagem 7- Indicador de médicos	52
Imagem 8- Espirrou!!!.....	55
Imagem 9- Gastricol!.....	57
Imagem 10- Biotonico Fontoura	59
Imagem 11- A fonte da eterna beleza.....	60
Imagem 12- Creanças Robustas	64
Imagem 13- Me dá mais mamãezinha.....	65
Imagem 14- A creança que não tomou Bacalaol.....	67
Imagem 15- Os nossos filhos são os homens de amanhã!	68
Imagem 16-Dê ao Brasil a Emulsão de Scoot.....	70
Imagem 17- Tónico Infantil!	71
Imagem 18- A balança atesta bem!	72
Imagem 19- Para toda a família!	73
Imagem 20- De valiosa ajuda para as mães	75
Imagem 21- Robustez para mãe e filho.....	77
Imagem 22- Dê lhes ENO!	78
Imagem 23- A mocidade de hoje	80
Imagem 24- Gynosédol o remédio das senhoras!	81
Imagem 25- Robusta e Formosa!	82
Imagem 26- Graças às Pílulas de Foster sou outra mulher!	83
Imagem 27- Nossa Avósinha sabe!	84
Imagem 28- Mães!	86

LISTA DE QUADROS:

Quadro 1- ESTIMATIVA DO NÚMERO DE MÉDICOS DIPLOMADOS QUE ATUARAM NA PARAÍBA ENTRE 1901 E 1930.....	50
Quadro 2- Quadro demógrafo- AS Nitario de 1926 a 1930.....	63

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	15
2- CAPÍTULO I- O JORNAL A UNIÃO: VENDEDOR DO CORPO SAUDÁVEL- POLÍTICA DO CORPO.....	23
1.1- A imprensa Paraibana: Espelho da civilização e do disciplinamento.	24
1.2 O urbanismo sanitário na Paraíba e o cuidado com a higienização da cidade: A desodorização do espaço urbano.....	37
1.3 – O saber médico divulgado no Jornal A União: Curando as doenças.	44
3- CAPÍTULO II-PRÁTICAS CORPORAIS: MEDICAMENTOS E SUAS ORIENTAÇÕES DE USO.....	55
2.1- Propagandas de medicamentos: a saúde como produto de consumo, “Tomou, Passou”!.....	56
2.2- “Robusteça sua criança para ser o futuro da nação.	62
2.3- A mulher saudável e a saúde da família: Mãe educada filhos sadios.	74
4-CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
5-REFERÊNCIA:.....	90
ANEXOS	94

1- INTRODUÇÃO

**“Dizer da história do corpo é o mesmo
que dizer da história da vida”
(Sant’ Anna /2004, p.03).**

Início essas páginas desafiando você leitor a atentar para as sensações que esta narrativa evoca, a fazer uma experiência sensível com as palavras, com as propagandas, com as imagens. Olhar de forma sensível, para além de uma experiência corporal, é buscar um lugar de estranhamento com a narrativa e com o passado, é deixar fluir os sentidos e as sensações que não nos permitem ficar indiferentes ao Outro. Essa pesquisa exigiu de mim esforços diários, viagens incansáveis, leituras e mais leituras. Que você possa desfrutar da monografia e se emaranhar de amor, assim como me emaranhei ao escrevê-la. Narraremos então, um encontro diferente, especial, um encontro com “um outro tempo, um outro no tempo”.

Em uma manhã chuvosa, viajei a Esperança PB juntamente com minha colega de pesquisa em busca de fontes para fazer minha monografia. Chegando até a Biblioteca Dr. Silvino Olavo que fica localizada na Secretária de Educação de Esperança encontro a minha preciosa fonte, o Jornal A União. Nessa manhã, tive um encontro com diversas fontes que abriu muitos horizontes. O Jornal A União em suas páginas trás cenários coloridos, ricos em detalhes, em recursos gráficos, olhares sedutores, senhoritas, senhoras, crianças, rapazes e homens. Como todo encontro, este também inquietou os meus sentidos. Um leque de questionamentos e possibilidades explodiu em minha mente. As idas a Esperança para concretização da pesquisa foram realizadas durante quatro meses cada dia uma nova descoberta que me fez produzir essas páginas da monografia.

Foi iniciada também a trajetória de acesso ao acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB. Caminhamos ao encontro das fontes para “catar” as contribuições que pudéssemos para a construção de uma historiografia.

Folheando as páginas já bastante amareladas deste jornal, reunidos há muitos anos, a primeira impressão que me causam é a de uma riqueza muito grande de idéias e de acontecimentos de um período que vem sendo recuperado. Em sua escrita, o historiador

também trabalha com sofrimentos, os seus e os dos Outros: recortamos a dor vivida e a transformamos em uma narrativa dizível do passado. No momento da escrita também sofremos as dores das seleções, dos cortes e recortes de fontes, teorias e histórias que bricolamos em nossa escrita e violentamos com palavras e silenciamentos. Realizamos uma cirurgia em nossos textos, transplantando palavras de outros corpos textuais ou não, ponteando intenções, disfarçando cicatrizes, costurando lugares. Como nos diz Michel de Certeau realizamos uma verdadeira “operação historiográfica”.¹

Durante a pesquisa observamos que as ações de propaganda tinham o objetivo claro de vulgarizar os preceitos de corpo saudável e robusto, bombardeando a população com informações sobre regras de Higiene e de combate e prevenção às doenças. Para realizarmos este ofício, lançamos mão de leituras sobre esse passado, através de uma exaustiva investigação em arquivos públicos, a fim de encontrarmos as desejadas fontes para essa construção.

Buscamos subsídios em autores como Michel Foucault para entender o círculo de relações de poder e o lugar social no qual se desenvolveram os discursos sobre os medicamentos na Paraíba. Como também para discutir o saber médico a partir das representações, sensibilidades e identidades que ajudou a fabricar na Paraíba, nos levando a considerar a questão do poder, visto que “poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2013, p. 30). Nessa perspectiva, não existe saber “neutro”, pois qualquer que seja o campo de conhecimento ele se estabelece a partir de relações de poder.

Michel Foucault contribui significativamente para a Nova História Cultural, sobretudo para a vertente construtivista hoje tão importante neste domínio histórico. Foucault, sem dúvidas, fornece o aporte teórico-metodológico para pensarmos a medicalização para tornar o corpo robusto e saudável, visto que este autor estudou consideravelmente as condições de possibilidade que fizeram com que o saber médico e seu caráter de cientificidade adquirissem status tão importante na sociedade ocidental. Nas primeiras

¹Para Michel de Certeau, o historiador, na sua escrita da história, opera com seleções de fontes, teorias, metodologias, mas não apenas isso. Ele fala a partir de lugares sociais, acadêmicos, institucionais, culturais (CERTEAU, 1982).

gerações a História Cultural tendo como perspectiva Michel Foucault vai colocar em xeque a imagem que temos do corpo, deixando de ser uma realidade objetiva, mas sim uma produção Histórica localizada no tempo em suas condições de emergência.

Michel Foucault é, sem dúvida, um autor cuja contribuição é inegável em ambos campos teóricos. Em especial quando tematiza o corpo afirmando, sobretudo, serem os nossos gestos construções culturais historicamente datadas. Ao analisar determinadas instituições como escolas, fábricas, hospitais, prisões ele fala não apenas do corpo, mas ainda do poder que investe no corpo diferentes disciplinas de forma a docilizá-lo, a conhecê-lo e controlá-lo no detalhe. Seu objeto de investigação não está centrado no corpo, mas nas práticas sociais, nas experiências e nas relações que o produzem, num determinado tempo/local, de uma forma específica e não de outra qualquer. Assim com essas análises de Foucault revelam a necessidade de problematizar o corpo, ou seja, estranhá-lo, colocá-lo em questão. Dessa maneira, usaremos alguns arcabouços teórico-metodológicos foucaultianos que se constituem para nosso trabalho como fundamentais no modo de percebermos os anúncios de medicalização.

Utilizaremos também das contribuições de Margareth Rago, pois, de acordo com Margareth Rago (1985), indícios de uma anormalidade social, as práticas populares de vida e lazer dos trabalhadores fabris, dos improdutivos dos pobres, das mulheres públicas, das crianças que vagueiam abandonadas nas ruas vão se tornando objeto de profunda preocupação de médicos-higienistas, de autoridades públicas, de setores da burguesia industrial, de filantropos e reformadores sociais, nas décadas iniciais do século XX. (RAGO, 1985, p.15).

As contribuições de Denise Bernuzzi serão essenciais para entender como o corpo passou por constantes transformações ao longo da história. Ao longo dos anos, mudam suas formas seu peso, seu funcionamento e seus ritmos. Talvez por isso mesmo, não seja certo que todos os seres humanos estejam completamente habituados com os seus corpos e satisfeitos com o seu desenvolvimento. O corpo de cada um pode parecer extremamente familiar e concreto em certos momentos, mas em outros, bastante desconhecido e abstrato. (BERNUZZI, 1995. p.4). Esse corpo passa por diferentes disciplinas e pedagogias. É interessante segundo Denise Bernuzzi (1995) realizar investigações sobre algumas das ambições de governá-lo e organizá-lo conforme interesses pessoais ou coletivos. O

objetivo não era apenas controlar os corpos para bem administrar uma cidade, uma empresa ou uma nação, mas igualmente, para obter mais saúde e prazer.

Conforme nos diz Georges Vigarello (1995) o corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico. O corpo não cessa de ser (re) fabricado ao longo do tempo. Como lembra Georges Vigarello, num dos mais belos trabalhos sobre a história ocidental do corpo, a própria literatura que proclama a liberação corporal se integra numa das fases da pedagogia que procura civilizar as condutas humanas.

A própria palavra “higiene” torna-se um campo específico da medicina que objetiva qualificar não apenas a higiene do corpo, mas a higiene da cidade conferindo, a ambos, mais energia e vigor (Vigarello, 1996). O corpo a ser produzido a partir destas concepções exigia alteração imediata nos hábitos cotidianos dos indivíduos no que se relacionava aos cuidados de si. Exigia também uma educação específica, capaz de potencializá-lo.

Desse modo, o presente trabalho buscou investigar, no âmbito das propagandas a circulação dos medicamentos no Jornal A União. Problematizando a difusão dos discursos médicos-higienistas, a medicalização e as representações dos corpos saudáveis na Paraíba e sobre como os anúncios de medicalização fazem usos de estratégias para apresentar às famílias e aos médicos-higienistas a sua eficácia para uma boa saúde.

Observaremos como os anúncios de medicamentos, publicados no Jornal A União na Paraíba, entre 1926 a 1935 do século XX, construíram práticas educativas e contribuíram para a mudança no hábito de cuidado com o corpo. Analisar como a circularização dos discursos higienistas e da medicalização nas publicidades considerando que no período da formação da identidade nacional o projeto de nacionalização Republicana priorizava a idéia de povo saudável e higienizado, percebemos que as propagandas dos medicamentos se apropriaram desses discursos e divulgavam práticas educativas de cuidados com a saúde e o corpo a partir do consumo de seu produto.

As mídias da época como jornais e revistas já buscavam consumidores para os produtos, serviços e idéias. Certamente, as estratégias de incentivo ao consumo contribuíam para a construção de uma cultura visual produzindo subjetividades no seu público alvo: as famílias e as crianças. A propaganda é algo racional e que deseja além de vender o produto, modificar comportamento, criar novos conceitos.

No entanto ao divulgar o produto o propagandista não divulga as qualidades e características propriamente do produto, ou seja, ele cria uma propaganda que prende a atenção de telespectador. É evidente em textos mais ousados e inovadores em que os propagandistas recorrem às pessoas ligadas ao produto em questão que se deseja vender, como por exemplo, a de colocar um atleta para vender vitamina, um aparente dentista para divulgar certa pasta dental. Não deixam de ter esses casos, igualmente, força persuasiva. (CITELLIA. 1999).

A medicalização é um dispositivo de gestão, de condução e controle dos corpos, tendo como base os saberes produzidos pela medicina. A medicina torna-se um saber-poder que “[...] incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores” (FOUCAULT, 2010, p. 212). O pensamento de Michel Foucault torna-se basilar na discussão da medicalização quando esta é vista a partir da relação saber-poder que está em jogo quando falamos de saúde. Os saberes médicos utilizados para colocar a medicalização em funcionamento têm efeitos de verdade que fortalecem determinados discursos, buscamos analisar a Medicina enquanto uma estratégia de saber e poder que responde a múltiplos e variados interesses em disputa no campo social.

Embora tenhamos tomado como recorte espacial a Paraíba sempre que possível, recorreremos às experiências de outras cidades dos Nordeste e do Brasil para compreendermos um pouco mais do contexto nacional e local que influenciaram as mudanças na cidade da Paraíba.

A década de XX é um dos momentos mais profícuos para se entender a história da saúde no Brasil, momento marcado pela construção de identidades nacionais e de ampla divulgação dos saberes médicos à população. O recorte temporal escolhido é importante porque possibilita fazer uma análise da questão e da política de saúde pública implementada no país, marcado pela pauperização que enfrentavam a falta de assistência médica, sanitária.

Na perspectiva de Le Goff (1990), salientamos que o recorte temporal desta pesquisa que se situa entre os anos de 1926 a 1935, se estende até os primeiros anos da Era Vargas, é de suma importância porque se ambienta no contexto da história do Brasil, marcada pela efervescência dos acontecimentos econômicos, sociais, políticos e culturais

em torno do projeto de construção da identidade de uma nação higienizada, racialmente pura e civilizada.

O ponto inicial foi o ano de 1926, escolhido porque nesse período o cenário nacional foi marcado pelo ato político de intervenção do Estado federal nas políticas de saúde pública. No que se refere à saúde e transformações urbanas estava acontecendo nesse período reformas urbanas na Paraíba, visto que durante os anos de 1924- 1928 quem governava a Paraíba era João Suassuna e durante esse período teve grandes contribuições no incentivo de apagar os rastros de insalubridade da Paraíba.

A escolha das décadas de 1926 a 1935 como demarcação temporal, primeiramente traz a possibilidade de problematização da rede discursiva que vinha sendo tecida em âmbito nacional e começava a ser difundida veementemente pelo Estado da Paraíba, enunciadora de uma “nova” racionalidade política investida pelo projeto de civilidade e progresso que tomava como objeto de intervenção disciplinar, com vistas a desenvolver uma pedagogização e higienização de seus corpos e mentes. Uma série de realizações dirigidas direta e indiretamente à infância, como a criação do Departamento Nacional de Educação, do Ministério da Educação e Saúde e de várias Instituições de Assistência à Infância, além de várias medidas sociais e educacionais, vão serem articuladas dentro dessa política realizada por Getúlio Vargas em âmbito nacional, estendidas aos seus Interventores em âmbito estadual, no sentido de promover a sistematização de um programa voltado para o tratamento da infância. (PEREIRA, 2007. p.24).

Elegemos como fim do recorte deste estudo o ano de 1935 um período significativo que marcou um novo ciclo de expansão institucional da saúde pública no Brasil. Visto que a década de 1930 representou uma mudança nas concepções sobre o corpo da criança e do jovem no Brasil e também na Paraíba. O governo Vargas consolidou uma prática intervencionista a respeito e, nesse processo, duas idéias conduziram a uma nova relação entre política e corpo: a preocupação com a educação e com o civismo. Por sua vez, os anos que vão de 1926 a 1935 aquela que inicia a década em que a cidade vive o momento de modernização e a intensificação nos discursos sobre a necessidade do espaço, que resultam em medidas mais efetivas, no que diz respeito à saúde pública, com a institucionalização da Repartição de Higiene.

Destarte, nossa narrativa é norteadada pela História Cultural, assim evidenciamos os estudos das representações do corpo e das corporeidades, em diálogo com o campo das sensibilidades, na medida em que buscamos questionar as diversas formas de perceber e

descrever o corpo doente e o corpo saudável bem como as estratégias de educação dos sentidos e incentivos a novas práticas cotidianas balizadas pelo discurso científico, que intentava civilizar, normatizar e medicalizar o corpo, tornando-o saudável, em dia com os preceitos médico-higienistas.

Nessa perspectiva, essa pesquisa pode dar visibilidade às conseqüências dessas políticas na Paraíba como um ‘problema’ relacionado às questões sociais, econômicas e culturais. O recorte espacial se justifica pelo fato de o século XX constituir-se em um período significativo em relação às transformações na ordem higiênica e na própria organização da cidade da Paraíba como um lugar civilizado.

É, claro, partimos do pressuposto de que “ao escrever um trabalho de história se faz necessário conhecer o que já foi escrito antes, lançar novos questionamentos e lançar um novo olhar sobre o assunto atribuindo outros sentidos ao passado resignificado”. (MARIANO, 2003, p.88). Desse modo, observa-se durante as pesquisas que a Paraíba tem uma ausência nessa temática, para isso usamos da tese de Marinalva Bezerra Vilar de Carvalho com o tema: “O médico disse que estou magrinho”: Alimentação na infância como uma prática educativa na Paraíba. (1918 a 1937), na qual ela usa das propagandas desses medicamentos como requisito para alimentação da criança e visto a ausência da discussão dos medicamentos para prevenir as doenças nos apropriamos para aprofundar na temática dos medicamentos para tornar o corpo robusto e saudável.

Outro trabalho que nos dar subsídio importantíssimo é o trabalho de Alanny Paulo Ricardo de Almeida com o tema “A NOSSA SAÚDE ESTÁ AQUI”: Os discursos médicos-higienistas e a medicalização dos corpos na revista Era Nova (Parahyba, 1921-1925), na qual ela analisa as representações sobre o corpo doente e sua medicalização nos discursos médicos e nas propagandas de remédios que circularam na revista Era Nova, entre 1921 e 1925, na Parahyba. Com isso pode também ser evidenciado em uma nova pesquisa que busca reconhecer aspectos que busquem adentrar nos medicamentos circulados para as crianças e as mulheres no Jornal A União dos anos de 1926 a 1935, visto que Alanny só trabalha até 1925 e não trabalha com as propagandas circuladas para esses dois públicos e nem com o Jornal A União.

O trabalho de Leonardo Querino Barboza com o tema: “Entre a ciência e a saúde pública: A construção do médico paraibano como reformador social (1911-1929), também nos possibilita entender como foi feita a construção do médico para o bem conduzir de

uma vida saudável, nos apropriamos desse trabalho para adentrar com a questão dos discursos médicos circulados no Jornal A União para prevenir as doenças que faziam presentes na Paraíba na década de XX, com isso aprofundaremos nos anos de 1926 a 1935.

Nossa pesquisa se divide em dois momentos, no primeiro buscamos fazer a análise do Jornal A União como vendedor do corpo saudável, contextualizando essas políticas na Paraíba, através do saber médico que vulgarizava os preceitos do cuidado com o corpo. Aqui damos ênfase a o urbanismo sanitário na Paraíba e o cuidado com a higienização da cidade. A eugenia se fez presente muito fortemente nos discursos médicos no começo da década de XX. São propostas que relatam a eugenia a partir dos cuidados com a higiene do corpo e também na desodorização da cidade. A modernidade pretendida neste período tinha no campo científico e principalmente em áreas como a medicina, a eugenia, o higienismo, e o sanitarismo aliados e promotores de uma cruzada contra o atraso, a “degenerância das raças”, e as doenças, que segundo tal pensamento assolavam o país.

No segundo e último capítulo damos ênfase as propagandas de medicamentos e suas orientações de uso, adentrando nas propagandas voltadas para a criança e a mulher. Assim, na qual os medicamentos circulados para as crianças tinham a preocupação para que ela seja o futuro da nação, pois as crianças fariam a nação crescer e se desenvolver, e a preocupação com o corpo da mulher estaria voltada para que ela estivesse sadia para gerar filhos, cuidar deles e de sua casa. As propagandas voltadas para as mulheres a enquadrava sempre no perfil de mãe a que seria a responsável pela saúde dos seus filhos. A identidade feminina foi fixada como mãe, seu natural, sua essência tudo que a constitua era voltado para a maternidade.

Com a presente pesquisa buscamos contribuir para a história da saúde que vem cada vez mais crescendo no meio historiográfico. E que possa contribuir com futuras propostas de trabalho. Apresentados os caminhos que percorremos ao longo desta pesquisa, marcada por encontros e desencontros, realçamos nosso convite a você, leitor, para os trilharmos, com votos de que seja uma experiência agradável, que evoque em você mais que sensações, sentimentos.

Desejo-lhe caro leitor, uma boa viagem.

CAPÍTULO I- O JORNAL A UNIÃO: VENDEDOR DO CORPO SAUDÁVEL-POLÍTICA DO CORPO.

Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

GOEELNER, Silvana V.

Incumbi-me² da missão de lançar-me no túnel escuro e sair Tateando em busca de portas concretas para dar lugar aos sonhos. Porém, aprendi que sonhar também faz parte da história, e é personagem importante. Os jornais velhos exalavam cheiro de mofo. O sonho fez-me viajar a tempos passados, senti-los, sair do mundo das maravilhas e problematizar os documentos como se faz no ofício do historiador. Assim, saltitando entre histórias que muitas vezes se misturavam, busquei desenrolar a parte inicial do emaranhado, para começar a contar-lhes essa história.

Páginas amareladas que também trazem as marcas do processo de trabalho que juntou máquinas, tintas, papel, texto e iconografia, fruto da paciente ordenação do paginador e da composição manual e caprichosa de cada linha do texto pelo tipográfico, passando pelos ágeis operadores das linotipos e, agora, pelos meios digitais. É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural, pois são maquinarias a escrever o corpo dos seus leitores, uma vez que o jornal tem um projeto de transmitir ao leitor modos de cuidar do corpo.

Para seguir caminho na investigação desses cenários apresentados nesta monografia, utilizo como fontes, as publicações do Jornal A União, durante a pesquisa observamos que as ações de propaganda tinham o objetivo claro de vulgarizar os preceitos de corpo saudável e robusto, bombardeando a população com informações sobre regras de Higiene e de combate e

²(SOARES, 2001, p. 31).

prevenção às doenças. Para realizarmos este ofício, lançamos mão de leituras sobre esse passado, através de uma exaustiva investigação em arquivos públicos, a fim de encontrarmos as desejadas fontes para que mostrem como foi construído o corpo saudável nas propagandas de medicamentos.

1.1- A imprensa Paraibana: Espelho da civilização e do disciplinamento.

O Jornal A União foi fundado no dia 2 de fevereiro de 1893, no governo de Álvaro Lopes Machado, e seu primeiro diretor foi o industrial e jornalista Tito Silva. A União é o terceiro jornal mais antigo em circulação no Brasil. É um referencial histórico que, ao longo desses anos, ficou conhecido como ‘a escola do jornalismo paraibano’. No passado, escreveram em suas páginas nomes como Augusto dos Anjos, Orris Soares, Gama e Melo, José Lins do Rego e José Américo de Almeida. Inúmeros jornalistas que passaram por sua redação ocuparam ou ocupam redações de outros jornais da Paraíba e do Brasil. Os primeiros redatores da ‘União’ foram Gama e Melo (que mais tarde governou o Estado), Joaquim Moreira Lima, Ivo Magno Borges da Fonseca, José Ferreira de Novais Senior, Diogo Velho Sobrinho, Antonio Balthar, João Machado da Silva, Dias Pinto e João Leopoldino Loureiro.

Teve também como colaboração a de Flávio Ferreira da Silva Maroja, médico, político e intelectual paraibano que desde o século XX escreveu para a imprensa paraibana, em órgãos como o Jornal a União e a revista Era Nova³, ao lado de José Lins do Rego. As contribuições de Maroja variavam da poesia à crônica e textos opinativos sobre diversos assuntos, mas principalmente sobre higiene e educação sanitária, sua especialidade profissional. O jornal a união teve autoria também de outros médicos como: Dr. Frederico Cavalcante, Dr. Oscar de Castro e Dr. João Pereira de Castro Pinto.

No Jornal A União, a imprensa oficial mantinha uma discussão acerca da Higiene da maternidade, os artigos dos médicos, os anúncios de serviços médicos, de medicamentos, de medicina pedagógica, de relatórios da saúde pública, de decretos e de leis que acabou constituindo uma explosão discursiva a demolir velhos costumes e práticas de como se relacionar

³ Foi uma revista de caráter literário e noticioso, originalmente lançada na cidade de Bananeiras-PB, fundada por Severino Lucena, passando, em 1921, a ser editada na capital, até 1926. Ditou sobre esse período normas de conduta, de higiene, moda, beleza. Trazia nas suas capas a imagem de mulheres que chamavam a atenção por sua beleza.

com o corpo. A União é um jornal estatal paraibano, editado na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. Trata-se do único jornal oficial, que circulava no século de XX, e ainda circula no Brasil.

O jornal surgiu como órgão do Partido Republicano do Estado da Paraíba, agremiação fundada pelo próprio Álvaro Machado. O histórico desse jornal está associado à oficialidade, evidenciando o poder político dominante na Paraíba em cada momento da história. Seu conteúdo era baseado no enaltecimento das obras públicas implantadas pelo governo vigente, discussões públicas que espalhavam a correlação de forças políticas, bem como temas dos mais diversos assuntos que, de alguma forma, engrandeciam os atos do governo nacional e local. No entanto, cabe destacar que os jornais não surgem de maneira isolada, mas a partir de um contexto social e que sua escrita é intencional e de um projeto da época.

A imprensa como objeto para o estudo da história e a utilização desta como fonte, só ocorreu a partir dos questionamentos veiculados pelo movimento da Escola dos Annales ou posteriormente a chamada Nova História, quando ressurgiu o interesse por novas fontes de pesquisa e principalmente quando o historiador deixou de almejar a utópica imparcialidade em suas pesquisas. Na década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil. Existia uma preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da história por meio da imprensa. Como nos mostra Tânia Regina de Luca (2008), as revistas e jornais ganharam um grande destaque no Brasil enquanto fonte histórica na década de 1970 e puderam trazer os mais diversificados temas para pesquisas, e hoje, sem dúvida, acompanhamos a gama de trabalhos sobre tais impressos periódicos que vêm se destacando em trabalhos acadêmicos sobre tais fontes.

A história vista de baixo, trouxeram ao centro da cena a experiência de grupos e camadas sociais antes ignoradas e inspiraram abordagens muito inovadoras, inclusive a respeito de culturas de resistência. Foi justamente no momento em que a imprensa passava a figurar como importante fonte primária que veio a público o trabalho de Nelson Werneck Sodré, um dos poucos a abordar a história da imprensa brasileira desde os seus primórdios até os anos de 1960.

Os jornais diários profissionalizavam-se sem perder o caráter opinativo e de intervenção na vida pública. Consagrava-se a idéia de que o jornal cumpre a nobre função de informar ao leitor o que se passou, respeitando rigorosamente a “verdade dos fatos”. Em síntese, a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O pesquisador dos jornais e revistas, no entanto trabalha

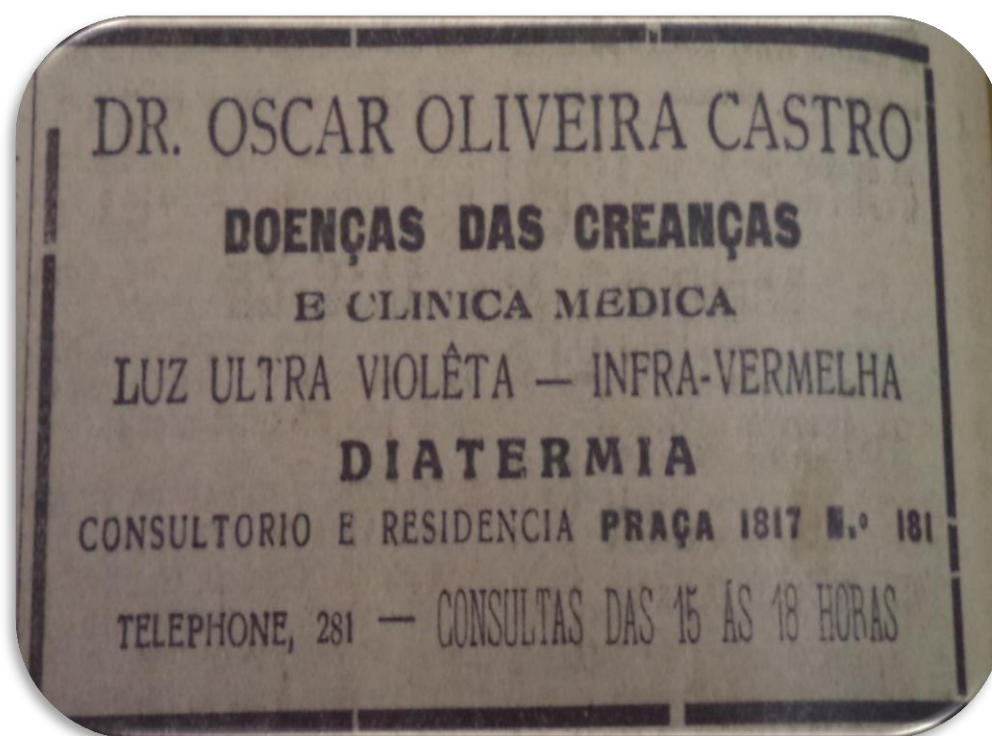
com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa.

A imprensa brasileira se desenhou por meio de relações de força. Discorrer sobre a imprensa no Brasil é transitar territórios das relações de poder por se desdobrar em questões de cunho nacionalista que constituem o cenário brasileiro nas primeiras décadas do século XX. O período inaugurado em novembro de 1930 é marcado por ambigüidades também no campo jornalístico. Falar, portanto, da imprensa durante os quinze anos em Getúlio Vargas esteve à frente do Governo é falar das complexas relações de poder que se estabelecem. (BARBOSA, 2007, p.103).

A imprensa se caracteriza como um lugar privilegiado de manifestações de diversas vozes, permitindo assim, um conhecimento mais amplo das realidades educativas. Suas características próprias lhe conferem um terreno fértil para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia. Veiculadas pela imprensa, propagandas e anúncios são explorados nesta pesquisa como documentos e como suporte de sentidos das práticas sociais, pois estão imersas na cultura. Elas mostram nas entrelinhas do discurso, os jogos de poder envolvidos na relação entre homens e mulheres, os conflitos de classe, os valores morais, as resistências.

Essas propagandas como campo especializado da veiculação de mercadorias e mensagens destinadas ao um grupo, foi sendo desenvolvida de maneira articulada com os saberes médicos, pedagógicos, assistenciais, psicológicos. Era difusora e amplificadora das mensagens da indústria e da ciência, fazendo convergir estes dois campos discursivos e técnicos em um discurso mercantil, comercializável. É bom lembrar que Getúlio Vargas cultivava, através da imprensa, a presença da família nuclear e burguesa. Frequentemente era fotografado com crianças. A mulher nessas imagens era projetada como aquela que atuava em instituições educativas, sendo generosa e excelente mãe.

Para Peter Burke (2004), as imagens usadas em publicidades são fundamentais para reconstruir elementos perdidos de cultura material, principalmente no século XX. Se tomarmos a história da transformação do corpo, por exemplo, perceberemos que as imagens são de fundamental importância para evidenciar indicações de médicos especializados em determinadas doenças, discursos médicos e os padrões de beleza. Como podemos observar no caso da Paraíba quanto ao discurso como também as imagens.

Imagem 1- Dr. Oscar Oliveira Castro

Fonte: Jornal A União, Terça- feira, 23 de maio de 1933, p. 06.

Visualizamos nas propagandas do Jornal A União a indicação de consultórios, que, por vezes estão funcionando em áreas centrais, propaganda de maternidades, laboratórios de análises clínicas, médicos especialistas. Por isso o Jornal A União tornou-se um signo da modernidade ao vender aos seus leitores que deveriam cuidar da saúde de seu corpo, assim a imagem do corpo forte, educado e higiênico vai ser propagado através das propagandas de medicamentos, enfoque do terceiro capítulo.

Vargas, em inúmeras oportunidades, chamou a atenção para o papel da imprensa, em particular, e dos meios de comunicação em geral como dispositivos de controle e mudança da opinião pública. O ofício do jornalismo era por ele chamado de “sacerdócio cívico”. Atribuía aos jornalistas grande importância na formação da opinião pública”... para que ela seja, de corpo e alma, um só pensamento brasileiro (LENHARO, 1986, p. 39). Dessa maneira Alcir Lenharo diz que qualquer aproximação ao estudo da propaganda no período do governo de Vargas detectará, necessariamente, o peso das instâncias micropolíticas atuando sobre o cotidiano dos indivíduos; ao autor dessa maneira, o poder dissemina-se pelo social para obter um controle de caráter muito mais persuasivo do que diretamente repressivo.

A política adotada pelo governo de Vargas na década de 1930, estendendo o poder do Estado para gerenciar e controlar grupos “socialmente problemáticos”, nesse caso seria a mulher e a criança a preocupação em desenvolver uma política nacionalista voltada para as idéias de identidade, raça e unidade social, é um contexto exemplar de como as idéias sobre eugenia podem e de fato entrelaçaram as políticas públicas do país neste período. A convocação da população criava uma idéia de identidade nacional, o desejo na verdade era o de se tornar uma nação próspera.

Dissemina-se dessa forma a idéia de que a grandiosidade e o fortalecimento da nação entravam em relação direta com a perfeição física e moral do seu povo. Para tanto baseavam suas pesquisas e propaganda em dados preocupantes. Além de tudo terminavam entrando em assuntos que até então era do âmbito privado. Com a eugenia a sexualidade passou a fazer parte do discurso médico e educacional. Para as moças eugenia significava maternidade digna com ênfase na saúde materna. Um numerador comum dessas ciências médicas era a família e conseqüentemente a mulher. As mães eram as genitoras e educadoras daqueles que seriam o futuro do país, esse é o papel social que a mulher recebe neste contexto.

Em uma conferência realizada por Pacheco Silva, sob o patrocínio da ação cívica feminina em 29 de abril de 1933, ele convoca e enaltece o lugar da mulher na sociedade: “Da vossa ação, da vossa sagacidade, da vossa ternura e ao mesmo tempo da vossa energia e da vossa autoridade, muito depende o nosso destino neste momento tão grave da vida brasileira”.⁴

Tendo em vista que o papel social da mulher era a reprodução, muitas políticas eugênicas concentravam-se nelas. A política nacionalista prezava pela união familiar e uma boa educação das crianças, já que estas seriam a próxima geração a administrar e formar a futura sociedade brasileira. Durante as primeiras décadas do século XX uma série de leis e estatutos foram aprovados e colocados em prática. Um deles foi assinado por Getúlio Vargas, e teria sido estruturado no ministério de Capanema⁵. “O estatuto previa que os pais de família tivessem preferência em investidura e acesso a todos os cargos e funções públicas”, na competição com os solteiros ou casados sem filhos, exceto em cargos de responsabilidade. Mais ainda, o artigo 14

⁴Pacheco e Silva. A C. A mulher paulista no atual momento brasileiro. Oficinas gráficas do hospital de Juquerí. São Paulo 1933.

⁵ Schwartzman S. & Bomeny H M B & Costa V M R. Tempos de Capanema. Paz e Terra. São Paulo, 2000. Disponível in: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277916893_ARQUIVO_liliafazendogenero2010.pdf Acesso dia 20 de abril.

previa que: “O Estado adotara medidas que possibilitem a progressiva restrição da admissão de mulheres nos empregos públicos privados. Não poderão as mulheres ser admitidas senão aos empregos próprios da natureza feminina, e dentro dos estritos limites da conveniência familiar”.

É sabido que durante o governo de Vargas a publicidade foi uma ferramenta para infiltração de ideologias, e as propagandas direcionadas as mulheres eram elaboradas em cima e para instituir valores, como o da mãe devota ao lar. Nas revistas Vida e Saúde, Jornal das Moças e Almanaque da Saúde da Mulher, os enfoques publicitários são em grande maioria dedicados a mulheres de uma classe alta e média que podiam se dedicar somente a família, a beleza física e a casa.

Geralmente as publicidades referentes à saúde da família eram compostas pela figura da mãe. Qualquer tipo de desvio de comportamento fosse dos maridos ou dos filhos, era porque a mulher se distraiu, se ainda não casou, falta-lhe algo, e outras inúmeras idéias em periódicos. Esses discursos médicos penetravam nas mídias fazendo parte do cotidiano da mulher, como eram circulados no jornal a União o guia de medicina caseira, ou seja, essas propagandas seria destinada exclusivamente para as mulheres. A mulher burguesa do século XX deveria ser o exemplo começando principalmente dentro de casa. Esperava-se bastante dessa figura idealizada e a responsabilidade pelos erros e acertos era entregue em suas mãos. O corpo deveria ser resguardado para não despertar os excessos da sexualidade masculina. A casa limpa manteria a família saudável, a atenção, cuidados e educação fariam dos filhos adultos saudáveis e brasileiros exemplares. Em um exemplo a seguir do Jornal A União notamos essa idéia,

Guia de Medicina Caseira- Pelo Dr. M. Penha Bernardes
 Importante obra com 200 páginas divididas em três partes:
 1º - Cuidados durante a gravidez. 2º - Como criar e alimentar as crianças.
 3º - Symptomas tratamento e dieta de todas as doenças.
 Livro Indispensável em todo o lar. Preço do exemplar- brochura- 3\$000
 Preço do exemplar- encadernado- 5\$000. Pelo correio mais \$300.
 (Jornal A União, Quarta-feira, 2 de agosto de 1933, p. 03).

A partir disso a imprensa paraibana tem uma grande importância de circulação de idéias e assim ela vai produzir mentalidades na população, a partir das propagandas circuladas no jornal a União. A mulher seria retratada como a responsável pelo cuidado de seu filho, de seu marido e de sua casa, observamos isso no anúncio acima quando mostra que a mulher deveria ter cuidados durante a gravidez e também modos de como criar seus filhos, acima estava à mulher como protetora do lar. Dessa forma, essas idéias da mulher voltada para o lar e a criança como futuro da

nação estavam acontecendo nacionalmente e chegam também na Paraíba e ganham circularidades no Jornal A União.

A Paraíba ocupou lugar de destaque no contexto nacional, visto que o Estado estava diretamente envolvido na composição do Governo Federal, pois como vice-presidente na chapa com Getúlio Vargas estava João Pessoa, situação essa fruto de um arranjo que se denominou de Aliança Liberal, sustentada pela composição entre Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, após a falência do modelo de reciprocidade política que predominou na Primeira República, denominado café com leite. O modelo político defendido pela Aliança Liberal ganhava a adesão de vários segmentos urbanos da sociedade, pelo país afora, entre aqueles insatisfeitos com as oligarquias rurais, mas também como decorrência dos ideais reformistas pregados pelos liberais. (MACHADO; NUNES, 2007).

Dentre os grupos urbanos, na Paraíba, que manifestaram seu apoio às propostas liberalistas, destaca-se o das mulheres educadoras, que passaram a integrar os comitês femininos pró-Aliança Liberal. É o que informa o jornal *A União* em notícia veiculada no dia 25 de janeiro de 1930, logo na primeira página, sob o título *A brilhante cooperação feminina em prol da Aliança Liberal*: “O comitê ‘Clara Camarão’, de Campina Grande, realizou uma excursão de propaganda da Aliança Liberal, a 19 do corrente, indo até Esperança e São Sebastião, onde realizaram *meeting* em meio ao maior entusiasmo”.

Morto João Pessoa, as manifestações de solidariedade empreendidas pelos seus correligionários passa a ocupar espaço significativo nas páginas d’*A União*, órgão da imprensa oficial do Estado. As mulheres continuam saindo às ruas, organizando passeatas, participando de solenidades, agora não apenas de caráter liberalista, mas também em homenagem ao político morto, que passa a ser reverenciado como mártir e herói. Porém essa relação harmoniosa nem sempre foi atônica entre as mulheres e a imprensa.

No artigo⁶ de Maria Lúcia e Charliton José: Uma página feminina: Escritos para a educação das mulheres paraibanas (Década de 30), mostra que quando as mulheres começam a lutar pelos seus direitos, a tornarem públicas suas opiniões, a demandarem uma participação nas deliberações nos variados campos que dão forma ao país, a adentrarem espaços distintos no mercado de trabalho, a examinarem as relações homem-mulher, os diversos setores da sociedade começam a expressar reações adversas. A imprensa, como instrumento de divulgação de informações e como formadora de opinião, corrobora as posições das instituições sociais responsáveis pela determinação de códigos de comportamento das pessoas, como Igreja e Estado,

⁶ Artigo do ano de 2013 da Revista Histedbr On-line. In: <https://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso dia 23 de abril de 2019.

entre outras. A sociedade utiliza-se de várias estratégias para fazer as mulheres desistirem de lutar por seus direitos e influenciar as pessoas a reagirem contra essa luta. Nesse âmbito, a *performance* da imprensa é significativa, porque busca atacar a mulher em aspectos caros a sua autoestima, como a beleza, a aparência física, por exemplo através das propagandas. Em algumas propagandas encontramos a figura da mulher no lar com a aparência debilitada por conta dos trabalhos domésticos e na mesma propaganda contendo um medicamento para deixar - lá forte ou amenizar suas dores decorrente dos serviços domésticos. Viam-se comumente nos jornais caricaturas de mulheres, cujo destaque era atribuir feiúra, debilidade ou características delas com a fase cansada pelos trabalhos domésticos.

Imagem 2- As fadigas dos trabalhos domésticos



Fonte: Jornal A União, Domingo, 7 de setembro de 1930, p. 07.

Na imagem contém como informação a seguinte: “As fadigas dos trabalhos domésticos causam, muitas vezes, dores de cabeça, das costas e abatimento geral. Ciaspirina depressa annulla as consequências do “surmenage”, e restitue ao organismo o seu estado de saúde normal. Mesmo o organismo mais dellicado pode tomar esse excellente preparado BAYER por ser elle

absolutamente inofensivo”. Como justificativa para censurar o comportamento combativo feminino apontavam-se aspectos distintos: desordem familiar, inaptidão dos homens para cuidarem dos filhos e de atividades domésticas como a presente nessa imagem percebemos nas palavras “As fadigas dos trabalhos domésticos”, dimensão sagrada das mulheres através da maternidade, incapacidade intelectual da mulher para a esfera pública, masculinização da mulher que exige seus direitos, mulher destinada ao cuidado do lar como observado na imagem acima. Dessa maneira a forma que a imprensa atacava era divulgando as propagandas mostrando a mulher reservada exclusivamente para o cuidado do lar. Com isto, a mulher só seria destinada a uma função: Cuidar do seu lar.

Na revista *Era Nova*⁷ que circulou na Paraíba até o ano de 1926 encontramos uma notícia que se direcionava a mulher contendo o seguinte título: “Educação Feminina- Ademais, tornando ao modo de instruir a mulher, não recebamos a hipótese paradoxal do igualitarismo entre os dois sexos. O que a um pode ser de grande utilidade a outro poderá trazer perniciosos resultados. A mulher, criatura dócil, nasceu unicamente para ser a companheira amorosa e dedicada do homem. O que se faz necessário é dar-lhe uma educação útil à missão sublime que ela tem de cumprir no mundo, que é a de ser esposa e mãe, perpetuando a espécie por meio do holocausto divino do amor. Não, concordamos que o problema da educação feminina se resolve preparando as mulheres não para serem homens, mas para serem mulheres, na elevada expressão onomástica”. A partir dessa informação na revista podemos elencar também essa presença da mulher no jornal *a União* como destinada apenas para a vida doméstica.

⁷Revista do ano de 1926 p. 06. Foi uma revista de caráter literário e noticioso, originalmente lançada na cidade de Bananeiras-PB, fundada por Severino Lucena, passando, em 1921, a ser editada na capital, até 1926. Ditou sobre esse período normas de conduta, de higiene, moda, beleza. Trazia nas suas capas a imagem de mulheres que chamavam a atenção por sua beleza.

Imagem 3- A vida social é fatigante



Fonte: Jornal a União, Sábado, 13 de setembro de 1930, p. 07.

Essa imagem também nos permite fazer interligação com a outra imagem e o contexto anterior, visto que o grande papel que a imprensa desempenhou foi a de mostrar que a vida pública não era lugar da mulher. Na seguinte propaganda temos o seguinte: “Os deveres sociais são exigentes e os cuidados da vida doméstica minam a vitalidade. As senhoras, em toda a parte, verificam que a Quaker Oats é o alimento ideal para renovar a energia, combater a fadiga, acabar os nervos”. Nessa propaganda percebemos a frase: “A vida social é fatigante”⁸, desse modo os deveres sociais são exigentes e os cuidados da vida doméstica as tornavam mais felizes e fortes, notamos na própria fase da mulher na imagem a expressão de felicidade. No entanto, essas

⁸Escrevemos como a fonte informa.

propagandas tinham o intuito de demonstrar e persuadir a mulher a um único lugar que seria a do interior de sua casa.

Dessa forma, as propagandas de medicamentos também começaram a circular no Jornal A União mencionando a mulher como a responsável pela saúde da criança, marido e seu lar. Para a adequação ao modelo econômico, eram necessários corpos fortes e saudáveis. A melhor forma de atuar sobre eles é claro, seria sobre a criança. Não podemos perder de vista que nas duas primeiras décadas republicanas o Brasil vivia uma situação caótica quanto à saúde. O saber médico passa a dirigir muito mais que a esfera dos hospitais e da clínica; é detentor de poder disciplinador de indivíduos, construtor de práticas e de discursos. No capítulo três desta monografia vamos observar como a mulher é retratada nas propagandas de medicamentos, recorrentemente direcionada para o cuidado com a sua criança.

Imagem 4- Ainda não é hora filhinha



Fonte: Jornal a União, Terça-feira, 23 maio de 1933, p. 06.

Paralelamente, os jornais publicavam uma série de anúncios de medicamentos que comportavam um conjunto de representações, escritas e imagéticas, sobre o que se denominou a criança e a mulher higiênico (a) e saudável. Na imagem podemos observar que contém: “A tosse já passou com a primeira colher: agora, espere a hora de tomar outra doze. Agrada ao paladar das creanças, é por isso o medicamento que se dá facilmente ao doentinho”, nessa frase e na imagem percebemos a figura da mulher-mãe muito presente como a responsável para cuidar de sua filha usando como medicamento o Fantanol. Essa propaganda pretende orientar o comportamento da mulher visando produzir a nova figura da mãe-dona-de-casa, determinando normas que ela deveria observar para parir e criar crianças fortes e saudáveis. “A redefinição dos papéis familiares atribuídos principalmente à mulher na qual foi designado o destino de “vigilante do lar” e de “mãe de família”.

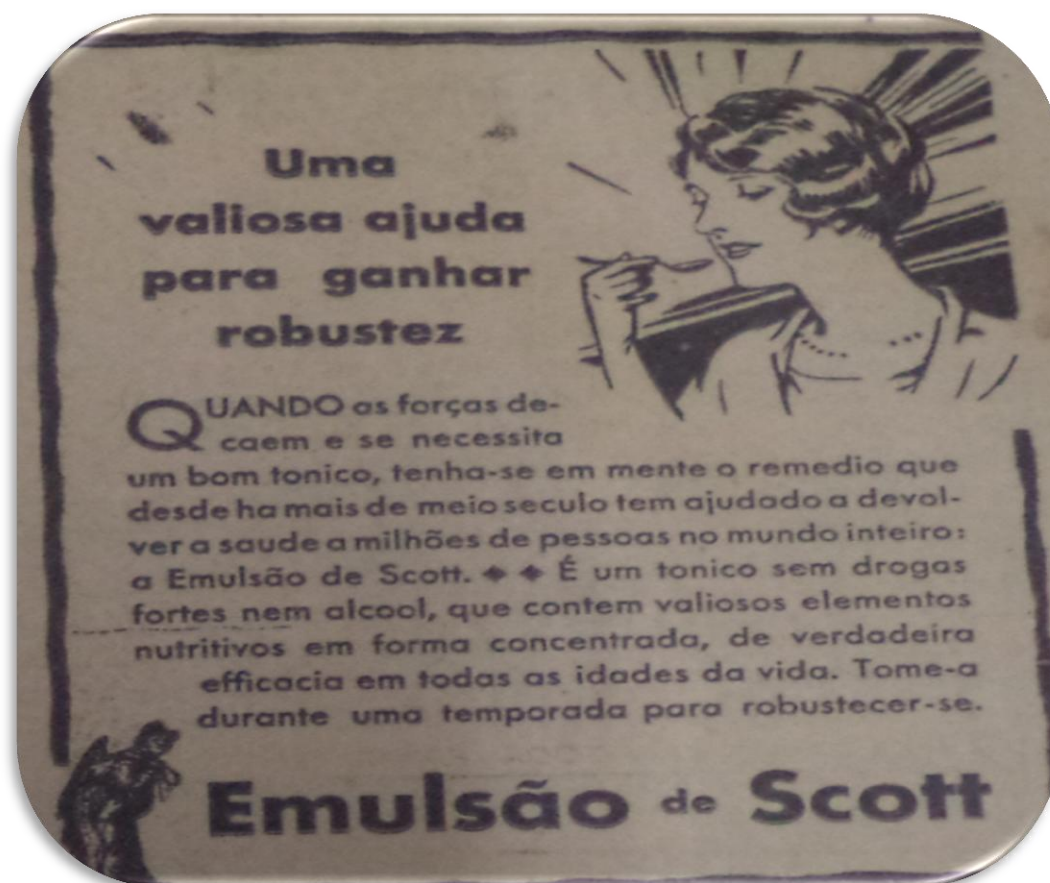
Dessa forma, as propagandas circuladas no Jornal A União prometiam reconstruir uma escultura de si no sentido que os jornais eram para ser lido e tomado como lugar de verdade e que, portanto, as pessoas iriam produzir o seu corpo a partir de novas práticas corporais. Medicamentos e cosméticos foram colocados à disposição da população para corrigir as imperfeições físicas e afastar de seus corpos a sujeira, a torpeza, a doença, os maus sentimentos. A publicidade se abria para a imprensa médica e farmacêutica, divulgando a saúde adquirida por meio da química como um bem-estar individual (SOARES, 2011, p.142). Percebe-se o poder das imagens na propaganda, uma jogada mercadológica para conquistar o leitor e incentivá-lo a comprar o produto.

Quando observamos o Jornal A União percebemos que as propagandas em suas páginas anunciavam uma série de produtos destinados à formação do corpo forte como elemento fundamental do ser criança. A oralidade ou seu simulacro apareceu, assim, indiretamente nos anúncios impressos através de conversa com o público leitor, sugerindo a compra de determinados produtos ou ainda utilizando diálogo entre personagens que expressavam sentimentos de admiração, alegrias e surpresas, dentre outros.

As peças publicitárias no Jornal A União dos anos de 1926 a 1935 produziam mensagens comerciais destinadas à venda de medicamentos cujo objetivo era vendê-los. Os medicamentos circulados no Jornal A União eram a Casa Virginia; Sal de Fruta Eno; Emulsão de Scoot; Biotônico Fontoura; Elixir 914; Pílulas de Witt; Helmitol; Cafiaspirina; Contratose; Tônico Bayer; Fluxo-sedatina; Xarope São João; Panvermina; Água Rabelo; Fantanol e entre outros. Essas propagandas de medicamentos era algo essencial, capazes de transformar, fazer as pessoas acreditarem no que é dito como melhor, aprimorando e personalizando para cada tipo de cliente e situação. Por isso, o discurso do Jornal A União se tornou o veículo condutor do projeto de um

novo corpo que tematizado tanto na esfera nacional como Estadual e por isso o Jornal a União é também o veículo produtor dessa nova sociedade e desse novo corpo, que nasce por sua vez quando investido pelo poder.

Imagem 5- Uma valiosa ajuda para ganhar robustez



Fonte: Jornal a União, Domingo, 28 de setembro de 1930, p. 05.

Na imagem percebemos que o intuito era persuadir o leitor a consumir a Emulsão de Scott, pois esse medicamento ajudava a recompor as forças quando elas decaíssem. Desse modo, fazendo interligação com o colocado acima, o Jornal A União teve o intuito de fazer as pessoas acreditarem no que é dito em suas páginas. A concepção de poder de Foucault compreendida para essa análise com relação aos anúncios publicitários se justifica pela possibilidade do poder ser analisado através da idéia de que se exerce por meio de investimento sobre o corpo. Ou seja, é possível identificar a existência de uma série de relações de poder na sociedade que se colocam fora do estado. Portanto, pode-se compreender que a dinâmica das relações de poder desses anúncios podem se constituir de uma rede que busca atingir todo o corpo social.

Ao interpretarmos os fragmentos dos discursos desses anúncios, percebemos que eles não estavam alheios ao projeto político, social e econômica do Estado de construir uma nação sadia,

robusta e higienizada. Os anúncios também reforçavam a ação dos médicos eugenistas e higienistas que atuavam na saúde pública, disciplinando o corpo social e prescreviam através dos anúncios, medicamentos para as crianças e mulheres. Portanto, o *Jornal a União* se tornou um meio de disciplinar os corpos, apresentaremos como havia certa circularidade entre as mensagens publicitárias e como a técnica propagandística se apropriou de conhecimentos científicos médicos, pedagógicos, higiênicos, de ideologia e de valores sociais hegemônicos, na construção de seu discurso mercantil. A linguagem publicitária utilizando-se de diferentes suportes e meios produz uma inovação no campo da cultura, pela qual através de signos e estímulos visuais, sonoros, textuais, inter-textuais, procura gerar o convencimento e a compulsão pela compra do objeto ou serviço anunciado.

1.2 O urbanismo sanitário na Paraíba e o cuidado com a higienização da cidade: A desodorização do espaço urbano.

Desde o final do século XIX, São Paulo e Rio de Janeiro passam por uma série de transformações urbanas, com a abertura de avenidas e de alamedas, com a construção de chafarizes e demais serviços públicos, com o calçamento de ruas, instalação de iluminação a gás, criação de novos bairros, que passam a ostentar casarões suntuosos. (RAGO, 1985, p 164).

A questão das epidemias que assolavam nossa população colocou a ordem do dia o debate urbanístico sanitário, de modo que, praticamente todas as incipientes mudanças ocorridas ainda no século XIX nas cidades brasileiras são resultantes de discursos e das novas questões propostas por higienistas e sanitaristas, já difundidas nos países como França e Inglaterra. Cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Recife tiveram constantes surtos epidêmicos e econômicos, ocorridos na transição para o século XX.

Na Paraíba as mudanças eram visíveis em vários espaços da cidade, pois o estado vai colocar em prática as mesmas políticas implantadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. As ruas eram alargadas e ganhavam pavimentações, as residências recebiam estruturas sanitárias; surgem serviços de bondes e luz; às cadeias, os hospícios, hospitais a polícia urbana e são estabelecidos os códigos sanitários da cidade. Tais mudanças iriam redesenhar muito mais que o corpo da cidade, o corpo da população recebiam a intervenção na educação e na saúde, cujo propósito era um povo mais saudável e uma educação democratizada. Os jornais tinham como função justificar

para a população a necessidade das transformações urbanas e as novas relações com o corpo. Como escreveu uma matéria do Jornal A União, sobre os serviços de bondes e luz,

Serviços de luz e bondes

A superintendência dos serviços de luz e viação urbana empenha-se seriamente a fim de continuar servindo o público paraibano na medida de suas possibilidades. O fornecimento de iluminação pública e domiciliaria vem sendo feito com a usina electrica de Tibery. Os trabalhos dessa ligação tiveram início, estando todo o material necessário, com excepção dos transformadores, em poder da Empresa. A frente dos mesmos se acha o teculco Sr. Manuel Monteiro de Oliveira. Do material adquirido pelo governo falta receber os transformadores, que deverão embarcar na Europa por esses dias. A rede conductora de energia electrica atravessará as propriedades dos Srs. Eitel Santiago e Telemano Santiago (Engenho Tibery); Pharmaceutico Francisco Soares Londres (Sitio Conceição); João Gomes Vieira, (Varzea Nova); Francisco Marquês da Fonseca (Engenho Santo Amaro); João Regis de Amorim, (Rio do meio); Matheus Gomes Ribeiro (Marés) e Godofredo de Miranda Henrique (Graça); que se promptificaram a dar necessário consentimento⁹.

Desse modo, as mudanças eram visíveis também na Paraíba. Percebemos essas mudanças no espaço da cidade no governo de João Suassuna (1924- 1928), na qual deu continuidade às obras de esgoto e ampliação do serviço d' água da capital, concluindo em janeiro de 1926 a ampliação foi iniciada em 1922 no governo de Solon de Lucena (1920- 1924). Durante os quatro anos do seu governo trabalhou muito pelo desenvolvimento da Paraíba. Construiu estradas e fez melhoramentos nas mesmas, fundou a escola do saneamento. Construiu grupos escolares em Princesa, Ingá, Itabaiana, Campina Grande, Umbuzeiro, também inaugurou luz elétrica e linhas telefônicas. Melhorou as oficinas gráficas do Estado e da revista Era Nova. João Suassuna construiu o hospital Colônia Juliano Moreira, inaugurado em 23 de junho de 1928, que teve como primeiro diretor o Dr. Newton Lacerda.

Será apenas na segunda década do século XX que a capital da Paraíba vive o que poderíamos chamar de seu primeiro momento de modernidade com a conquista de algumas benesses do mundo moderno, tais como luz e bonde elétrico, água encanada, cinema, bem como pelas transformações na sua malha urbana, dando mostras de que sua população, ou pelo menos, parte dela, estava desejava de viver hábitos e costumes de uma cidade moderna.

Dessa forma, como visto acima no governo de João Suassuna (1924- 1928), ocorreu às obras de esgoto e ampliação do serviço d' água da capital, a instalação de redes de esgotos seria necessária para que afastassem as imundices para longe da cidade, a canalização da água, todo

⁹ Jornal A União, Domingo, 13 de agosto de 1927, p.05.

um sistema de serviços públicos de higiene, e valoriza-se a introdução de áreas verdes, a criação de jardins na cidade ou a decoração das casas com flores e plantas. Percebemos isto em uma matéria do Jornal A União, sobre a Repartição de águas e esgotos,

Repartição de Aguas e Esgotos- Aviso

De acordo com os artigos 23 e 24 do regulamento em vigor, do dia 1º de janeiro em diante todos os serviços de instalações e ramificações da água nas casas serão feitas por artistas particulares, devidamente licenciados pela repartição. Para melhor exercício dessa medida os bombeiros podem ser procurados na Repartição, sendo o material fornecido pago na recebedaria de rendas e a mão de obra directamente aos instaladores sem responsabilidade ou interferência da chefia. O artigo 23 do regulamento esclarece: “O proprietário, para mandar executar o serviço por artista particular, deverá exigir que este apresente o certificado da repartição, provando que ele pertence ao quadro official de aparelhadores; se o serviço for executado por artistas estranhos ao quadro, o proprietário pagará a multa de 50\$000, dobrada em cada reincidência, além de ser desfeito o serviço irregularmente executado e o artista nunca poderá entrar para o quadro official, sendo seu nome inserido no “quadro dos excluídos”¹⁰.

No entanto, os serviços de instalações e ramificação da água nas casas seria feita por artistas particulares que seriam devidamente licenciados pela repartição e o proprietário deveria exigir o certificado da repartição quando esses chegassem as suas casas. Notamos dessa forma a preocupação que o governo da Paraíba teve de desodorizar e modernizar a cidade, como também cujo propósito era um povo mais saudável.

Nas administrações que se sucederam nesse período evidenciaram sucessivos esforços em promover o apagamento dos rastros de uma cidade colonial e insalubre, adotando-se novos padrões de higiene e estética nas construções e instalações e renovações de serviços urbanos, que em conjunto representam um primeiro momento de reforma e modernização da capital. Atentemos para as palavras de Oswaldo Trigueiro acerca desse período na capital paraibana.

A modernização da capital começou no governo de João Machado, que constituiu o primeiro serviço de abastecimento de água, dotou a cidade de luz elétrica e substituiu os bondes de burro pelo serviço de carris, que funcionou durante trinta e tantos anos. O governo de Castro Pinto não se caracterizou por grandes realizações materiais, porém, ainda assim, deixou um traço de sua passagem na fachada do Palácio do Governo, que modernizou, dando-lhe a feição que ainda hoje conserva. No governo de Camilo de Holanda tivemos uma pequena revolução urbanística - edifícios, avenidas, calçamentos - que começou a modificar o aspecto colonial da cidade. No governo seguinte, o de Sólon de Lucena, este trabalho de modernização teve um novo impulso, graças ao dinamismo do prefeito Guedes Pereira que fez a nova cidade, desde a velha Lagoa, por ele transformada em parque público à abertura de novos bairros, que

¹⁰Jornal A União, Quarta-feira, 26 de julho de 1933, p. 05.

hoje se estendem para os lados do Tambaú. Assim, de 1910 a 1924, a capital experimentou fase de constante progresso, adquirindo o aspecto aprazível que a caracteriza (In: AGUIAR & MELLO, 1989, p. 134).

No desejo de tornarem-se modernos dotando a cidade com as conquistas materiais, expressas nos transportes e comunicações, equipamentos de higiene e conforto, é que as elites e letrados de nossa capital irão colocar entre as prioridades, a higiene pública visto que, uma cidade que quer "civilizar-se" deveria ser pensada dentro os moldes da racionalidade burguesa isto é, uma cidade limpa, desodorizada (CORBIN, 1987).

Embora sempre tivessem existido habitações precárias na cidade da Paraíba, elas parecem só ter passado a ser considerado um problema pelas autoridades no fim do século XIX, início do século XX. O precário estado sanitário e o risco de epidemias se alastravam pela cidade e as autoridades viam nas aglomerações de trabalhadores pobres, mal alojados em casas de palha e quartos de um cômodo, nos vários becos espalhados pela cidade, uma grave ameaça à saúde pública e ao projeto de modernização urbana idealizado pelas elites.

O poder público na Paraíba, então, atacou em três frentes: a do controle sanitário das habitações: a da legislação e códigos de posturas; e a da participação direta em obras de saneamento, urbanização da área central e implantação da rede de esgoto. Sobretudo, no que diz respeito, ao controle sanitário das habitações populares, essas medidas foram marcadas por uma concepção que identificava nas formas de moradias precárias uma das principais causas das doenças, as quais seriam extirpadas por meio da regulamentação do espaço urbano. Os médicos higienistas que estavam à frente da Repartição de Higiene Pública ou da Diretoria de Saúde Pública recomendavam a demolição de casebres insalubres, como meio para manter o estado sanitário saudável da cidade, especialmente quando nestes residissem ou tivessem residido um doente acometido por varíola ou noticiavam no jornal que era preciso vacinar quem estivesse com varíola, pois a população estava recorrentemente denunciando.

Directoria de Saúde Pública

Recebemos da Directoria Geral de Saúde Pública a seguinte nota: "A última notificação positiva da varíola nesta capital foi a do navio. "Paconé", e a do açude "Soledade" foi a única do interior do Estado, Formando, assim, até esta data, um total de seis (6) casos, quase todos em franca convalescença. Diversos casos denunciados pelo povo, como sendo de varíola, foram hontem verificados pelos médicos inspectores sanitários e notificados como varicella. Grassa em toda a cidade esta moléstia infecto-contagiosa, sem importância sob o ponto de vista de mortalidade, pois é considerada uma infecção benigna dentre as que mais o forem. Confie a população nos efeitos da vacinação, não demorando

em vacinar-se, que não teremos epidemia”. (Jornal A União, Sexta-feira, 18 de novembro de 1932, p.06.

O Jornal A União recebia da diretoria de saúde pública notificações para serem publicadas em suas páginas sobre os diversos casos denunciados pelo povo, como sendo de varíola, por isso recomendava-se que a população se vacinasse, para não ter uma epidemia. Desse modo, foi necessário disciplinar a cidade e a população a fim de construir um lugar moldado segundo suas referências de civilização, levando ao surgimento de inúmeros regulamentos, determinações, posturas e decretos que promoveram alterações no tratamento do espaço urbano e, conseqüentemente, das próprias relações sociais.

O historiador Alan Corbin esclarece que essa necessidade se deu a partir do século XIX, pois cada vez mais a preocupação com os odores fétidos da terra, da água estagnada, do lixo, cedeu terreno para os odores da miséria, para o fedor do pobre e da habitação infecta (CORBIN, 1987, p. 168). Deslizamento da vigilância olfativa da natureza para o social, que induz uma estratégia disciplinar.

Dessa forma, pode-se dizer que a atuação dos médicos higienistas, incentivando o asseio e impondo a execução de medidas higiênicas, parte da crença generalizada na época de que a casa imunda, insalubre, constitui um foco onde se originam os surtos epidêmicos, mas também por ser considerado propício aos vícios e sentimentos de revolta. De acordo com Valladares, o que os médicos haviam diagnosticado como foco das epidemias era também, e, sobretudo, aos olhos da elite política nacional, "o berço do vício e do crime", pois era aí que residia e se concentrava o que se chamava de "classe perigosa" (VALLADARES, 1994, p. 86).

Os discursos higienistas, enquanto um conjunto de técnicas responsáveis pelo estabelecimento de certas formas de sociabilidade - no que diz respeito ao corpo e a maneira com que este se relaciona com o meio físico - (ANDRADE, 1992, p. 17), colocou-se como um veículo de mudança da sociedade brasileira, propondo-se a modificar os hábitos tradicionais, vistos como inadequados a uma nação que se pretendia civilizada penetrando não só nos espaços públicos, mas também privados, interferindo diretamente no cotidiano das pessoas.

Ainda retomando ao recorte temporal dessa monografia vamos citar o governo de João Pessoa Cavalcante de Albuquerque (1928-1930), que teve total pretensão e importância para a Paraíba, visto que encontrou o estado em difícil situação financeira, com obras públicas praticamente paralisadas, sua primeira iniciativa foi nomear para a secretária geral do estado José Américo de Almeida, na qual juntos criaram as secretárias de instrução pública, de segurança,

Assistência Pública e obras públicas. No setor viário, construiu as estradas de algumas cidades e reformulou por completo a instrução pública, inaugurando numerosas escolas com aparelhamento pedagógico e teve também total atenção para as questões de saneamento da cidade da Paraíba para que não fossem proliferadas doenças.

Remetemos inicialmente a Chalhoub, quando da sua análise do pensamento vigente no seio da elite e do governo brasileiro, em fins do século XIX, que correlacionava higiene e civilização. Segundo esse autor, há dois princípios essenciais, em primeiro lugar, está presente a ideia de que existe um 'caminho da civilização', isto é, um modelo de 'aperfeiçoamento moral e material', que teria validade para qualquer povo, sendo dever dos governantes zelarem para que tal caminho fosse mais rapidamente percorrido pela sociedade sob seu domínio. Em segundo lugar, há a afirmação de que um dos requisitos para que uma nação atinja a 'grandeza' e a prosperidade dos 'países mais cultos' seria a solução dos problemas da higiene pública (CHALHOUB, 1990, p. 35). Por isso que podemos acompanhar esse projeto também colocado para a Paraíba.

Partindo desse pressuposto, os médicos-sanitaristas do início da República viam as condições da higiene pública como indicador do grau de civilização de um povo. Mais que isso, havia critérios técnicos, científicos, que norteavam as ações da administração pública. Pretendia-se, através da higiene obter um controle quer do homem em todas as suas dimensões individuais e sociais, quer do espaço urbano no sentido de conduzir o país à civilização. Assim, há no país, nas primeiras décadas da República uma intensificação da ação médico-sanitarista.

O auge do controle sanitário teve em Oswaldo Cruz um momento privilegiado, que não se fez de forma coesa e sem o enfrentamento da crítica. Ao contrário, vai se tornando claro para a sociedade a ação política. As escolas foram vistas como os lugares mais adequados para se efetivar a medicalização da infância e, por extensão, do espaço urbano. O médico higienista olha a escola como via de controle positivo da vida da criança e tal prática se justificam pela importância da infância para o progresso da sociedade, endossada pelo contexto de elevados índices de doenças e de pauperização da população.

Com o Governo Provisório, em 1930, já era anunciado um “programa de reconstrução nacional” que criava o Ministério da Instrução e Saúde Pública com a tarefa primordial do saneamento físico e moral, por meio de uma “campanha sistemática de defesa social e educação sanitária”, bem como da difusão intensiva do ensino público. (HORTA, 1994).

Remetendo-nos a Chalhoub mais uma vez, quando este narra a história de combate à Febre Amarela desde meados do século XIX, bem como a introdução da prática de vacinação no início do mesmo século na Corte Imperial brasileira, vemos que já nesse período suscitou toda uma discussão entre médicos brasileiros e estrangeiros bem como entre os médicos e governo, no sentido de detectar as causas e medidas para sanar tais problemas. Assim, várias medidas foram usadas em diversos momentos, sejam sobre o corpo das pessoas, pelo estabelecimento de quarentenas, isolamento e interdições dos doentes; seja sobre o ambiente, para impedir a proliferação de miasmas, pela drenagem de pântanos, calçamentos e limpeza de ruas, primeiras obras sanitárias, imposição de códigos de postura, etc. (MARTINS, 2009, p 25).

Pela Saúde Pública

Tendo se registrado casos de febre amarella em vários Estados e na Capital Federal, o governo está grandemente empenhado junto ao serviço de saneamento rural e a comissão Rockefeller para que seja o mais baixo possível, nesta capital, o número de focos do mosquito transmissor da terrível moléstia (*Aed Egyptil* ou *Stegomia Fasciata*), pelo que appella para a população desta cidade no sentido da mesma acatar as medidas que tiveram de ser postas em prática por aquele serviço, sendo assim mantido o índice de segurança. (Jornal A União, Quarta-feira, 23 de janeiro de 1929, p. 3).

Na propaganda está informando o seguinte: “Pela saúde pública, tendo registrado casos de Febre Amarela em vários Estados e na capital Federal, o governo está grandemente empenhado junto ao Serviço de Saneamento Rural e a Comissão Rockefeller para que seja o mais baixo possível, nesta capital, o número de focos do mosquito transmissor da terrível moléstia (*Aed Egyptil* ou *Stergomia Fasciata*), pelo que appella para a população desta cidade no sentido da mesma acatar as medidas que tiveram de ser postas em prática por aquele serviço sendo assim mantido o índice de segurança”. Na mensagem percebemos o quanto o governo paraibano estava empenhado para proteger a população da proliferação da febre amarela e dessa forma usava o jornal para notificar sobre suas medidas preventivas fazendo com que a população paraibana estivesse também mais atenta a cuidar de sua saúde.

Essas diligências médicas eram diariamente divulgadas pela imprensa. Nessa cruzada, o jornal A União, órgão oficial do Estado, reproduzia diariamente as notificações de visitação e intimações feitas pelos inspetores, dando a impressão de que havia na cidade um verdadeiro batalhão de higienistas, percorrendo e pondo ordem nos espaços domésticos, o que era mais um anseio do que a realidade.

Os médicos higienistas, portanto, percebem-se como as autoridades necessárias e competentes para vistoriar minuciosamente a habitação e os bairros populares, incentivando o

asseio e impondo autoritariamente a execução de medidas higiênicas. O controle global da população pobre da cidade, seja nos lugares públicos, seja no espaço doméstico, por parte destes especialistas se funda na crença generalizada de que a “casa imunda”, o cortiço e a favela constituem focos onde se originam os surtos epidêmicos, os vícios e os sentimentos de revolta. (RAGO, 1985, p. 164).

1.3 – O saber médico divulgado no Jornal A União: Curando as doenças.

Garantir a saúde da população era garantir a saúde de toda a nação e, conseqüentemente, do Estado e caberia ao médico esta tarefa árdua, adquirindo, por isso, este lugar privilegiado na sociedade ocidental desde o século XVIII: O médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, se não na arte de governar pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o ‘corpo’ social e mantê-lo em um permanente estado de saúde. E é sua função de higienistas, mais que seus prestígios de terapeuta, que lhe assegura esta posição politicamente privilegiada no século XVIII, antes de sê-la econômica e socialmente no século XIX. (FOUCAULT, 1982, p. 203). É encarregando-se de tamanha tarefa, manter a população saudável, que o médico adquire o prestígio no ocidente sendo capaz de intervir na vida social das pessoas em nome da vitalidade da nação.

O poder médico persegue a infecção no espaço privado do trabalhador, invade sua casa, inspeciona seu quarto e prescreve normas de conduta anteriormente testadas nos espaços públicos. Cada um deve dormir em sua cama individual, assim como já se tinha defendido a necessidade higiênica de cada doente ter seu próprio leito ou de cada cadáver ter seu próprio caixão. As casas operárias federão menos e perderá a marca negativa de ameaça prestilencial-promete o saber médico¹¹.

O desejo de curar o pobre-trabalhador, atrelado tanto ao medo que as elites passaram a ter das “doenças que se pegam” quanto ao objetivo de produzir desenvolvimento econômico a qualquer custo, contribuiu para criar, na Paraíba do começo do século XX, um ambiente propício ao fortalecimento e a uma maior institucionalização do campo médico local. Por essa época, ocorre na Paraíba algo semelhante ao que Margareth Rago (1985, p. 164) verificou nas experiências históricas de São Paulo e do Rio de Janeiro no final do século XIX: “Os médicos higienistas, portanto, percebem-se como as autoridades necessárias e competentes para vistoriar

¹¹Margareth RAGO no livro do cabaré ao lar, 1985, p. 173.

minuciosamente a habitação e os bairros populares, incentivando o asseio e impondo autoritariamente a execução de medidas higiênicas”. (SANTOS, 2015, p. 85).

No começo do século XX, apesar de o campo médico paraibano ainda se encontrar pouco institucionalizado, os esculápios locais vão adquirindo mais prestígio e legitimidade como “reformadores sociais” à medida que a doença vai sendo construída como problema social e a saúde passa a ser pensada como um elemento “imprescindível” ao bem-estar coletivo e ao “desenvolvimento” das sociedades. Nesse momento histórico, os conselhos médicos estampam cada vez mais as páginas da imprensa paraibana. Pelo menos na aparência da retórica política, as autoridades locais passam a ouvi-los bem mais – mesmo que na prática a saúde pública paraibana continuasse caminhando a passos bem lentos.

Em fábricas e escolas, médicos como Flávio Maroja ministravam “palestras sobre hygiene e prophylaxia de diversas moléstias”, prendendo “a atenção dos ouvintes, sendo ao terminar muito aplaudido e felicitado”. O médico era cada vez mais solicitado, mas agora o doente era outro: além de cuidar das dores individuais, os clínicos conquistavam legitimidade para curar a sociedade, pois a doença tornara-se uma questão social, uma demanda coletiva que reclamava ações políticas orientadas pelo “competente” saber da medicina científica.

Flávio Maroja¹² um dos pioneiros da Medicina na Paraíba e engajou-se incessantemente na criação e na consolidação tanto de instituições assistenciais quanto daquelas veiculadas ao desenvolvimento das ciências médicas paraibanas. Dirigiu, por quase meio século, o Hospital Santa Isabel da Santa Casa da Misericórdia. Por meio de sua fundação no Instituto Vacinogênico PB, foi um dos introdutores da vacina, organizou e chefiou o serviço de propaganda da educação sanitária local. Como podemos observar a seguir sua palestra sanitária que constantemente estavam estampadas nas páginas do Jornal A União:

Sobre a prophylaxia da tuberculose, fala aos operários desta folha e da Imprensa Oficial o Dr. Flávio Maroja.

Conforme noticiamos realizaram-se ontem, ás 14 horas, a palestra sanitária que o Dr. Flávio Maroja, combinaria fazer aos nossos operários sobre o thema: Da Tuberculose, meios de contagio, fonte de infecção e prophylaxia. Reunindo todo o pessoal das offinas desta folha e da Imprensa Oficial, e com a presença do

¹²Fazia palestras educativas sobre higiene em escolas, em fábricas e na zona rural. Em parceria com o também médico Walfredo Guedes Pereira e com outros colaboradores, fundou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância da Paraíba (IPAIP), em 1912, do qual foi o primeiro Presidente. Essa instituição tornou-se o atual Instituto Walfredo Guedes Pereira, ao qual está vinculado o Hospital São Vicente de Paulo. No âmbito do fomento às ciências médicas paraibanas, fundou e foi o primeiro presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba.

director e demais auxiliares da redação, iniciou o dr. Flávio Maroja sua conferência, que durou cerca de uma hora. (Jornal A União, Terça-feira, 23 de maio de 1933, p. 03).

Flávio Maroja sempre aparece entre as páginas do Jornal A União, com suas divulgações relacionadas à saúde da população, acima é uma palestra sobre a tuberculose, meios de contágio, fonte de infecção. Relatando sobre o contágio direto e indireto da terrível doença, a luta que Flávio Maroja empenhou na Paraíba contra a tuberculose é o seu aspecto social, que é antes de tudo, a luta pelo melhoramento geral das populações- a miséria, má alimentação, habitação insalubre, alcoolismo e syphillismo. Na imprensa local, onde teve enorme inserção durante sua trajetória, defendia a higiene e a educação sanitária como fatores de “civilização” e “progresso”.

É certo que a divulgação do saber médico por meio da imprensa ou de palestras realizadas em espaços públicos como teatros, fábricas e escolas, “fazia parte de um projeto médico sanitário que não obteve êxito”, pois “as informações contendo os princípios higiênicos não atingiam a grande massa” (SOARES JÚNIOR, 2014, p. 86). Porém, mesmo não conseguindo “medicalizar” o conjunto da sociedade paraibana, essa maior inserção do saber médico nos espaços públicos constitui um passo importante para torná-lo mais aceito, mais legítimo, mais autorizado socialmente, mesmo que no princípio este reconhecimento social tenha ficado restrito a certos grupos sociais, especialmente os grupos dirigentes e as elites locais. (SANTOS, 2018, p. 16).

Como disse Foucault (1994, p. 83), “[...] a medicina e o médico são, portanto, o primeiro objeto da normalização. Antes de aplicar a noção de normal ao doente, se começa por aplicá-la ao médico”. Acreditamos que na Paraíba essa normatização aconteceu com a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba¹³, com a sistematização da profissão e o reconhecimento do status social, a partir de um lugar de referência. A medicina nos discursos de alguns médicos era vista como um sacerdócio. Cabe aqui apresentar parte do discurso do Dr. Lauro Wanderley¹⁴, para compreendermos a construção social e cultural em torno da importância do médico para a sociedade, pelo prisma do sacerdócio.

[...] Temos assim a firme convicção do que somos capazes e a consciencia do preço do nosso valor [...] A arte de curar não é entre nós, graças a Deus, um balcão onde se impinge uma ciência egoísta e deturpada a troco de sangrias mais ou menos desapidadas nas finanças dos que, confiadamente, nos procuram. Tiramos da profissão a subsistência honrada da família, mas, o fazendo regrado no escrúpulo que nos dita a consciencia de bem feitores e jamais

¹³ Fundada em 1924, possuía, entre outros fins, o de congregar os médicos paraibanos.

¹⁴ Discurso do Dr. Lauro Vanderley, orador oficial na solenidade da inauguração da sede da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba (*Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba*, Ano II, vol. 6, setembro de 1933, p. 11-12). Na revista, o nome do médico está escrito com a letra “V” .

de exploradores da humanidade. [...] A assistência medica na Paraíba é senhores, um dos maiores títulos de benemerência da nossa classe, sómente com os que transmutaram a profissão em apostolado [...] Somente em um nos estabelecimentos de caridade desta capital trabalham, diariamente, cerca de 10 medicos sem vantagens financeiras e nos outros, mesmo os custeados pelo governo a retribuição some-se diante do vulto e da projeção dos serviços técnicos prestados[...] (VANDERLEI, 1933, p. 11-12).

O discurso do Dr. Lauro Vanderlei exaltava o “poder” do médico e a “valiosa” contribuição para a saúde pública que este profissional oferecia ao estado da Paraíba. O mesmo apresentou os vínculos com o poder público salientando a importância dessa classe como promotora da saúde e da normatização do bem-estar social. Assim, na perspectiva de Chartier (2002), os médicos se firmavam como “representação pública de algo ou de alguém”.

Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba

Reuniu-se ontem, em sessão ordinária, presidida pelo dr. Lourival Moura, Secretariado pelos drs. Cassiano Nobrega e Seixas Maia, a Sociedade de Cirurgia da Parahyba. Aberta a sessão foi introduzido no recinto, pelos Drs. Guedes Perreira e Arioswaldo Espinola, o novo sócio dr. Antonio Fasanaro, sócio effectivo da “Sociedade de Medicina de Pernambuco”, Atualmente residindo nesta capital. Saudou-o, em brilhante improviso o conhecido clinico dr. José Maciel.
(Jornal A União, Segunda-feira, 02 de julho de 1934, p. 8).

Como exposto acima sobre a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, ela teve grande importância na Paraíba, pois iria contribuir para a valorização da medicina, ao congregar o campo médico na defesa dos seus interesses profissionais. Os médicos dessa sociedade entendiam-na como uma instituição profissional, que concorreria para firmar os “alicerces” da ciência que professavam e o seu “valor como médico”. Curar a “população paraibana”, resguardando-a das endemias e epidemias, tornando-a “saudável” e “útil”, era um objetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba que a legitimaria como instituição de “utilidade pública”.

Em 1926, por exemplo, Flávio Maroja apresentou para seus colegas de SMCPB um trabalho sobre “A peste na Parahyba”¹⁹⁶. Seu objetivo não era discutir com os colegas de associação os aspectos médicos da doença. Maroja parecia ter em mente um público mais vasto e menos especializado. Para ele:

Não se faz preciso no presente trabalho falar da pathologia, fórmias clinicas, symptomatologia, diagnostico anatomia patologica, tratamento, etc., bastando que

se torne largamente conhecida a sua prophylaxia, para a defesa sanitária de quantos se vêem ameaçados de seus insidiosos ataques¹⁵.

Os médicos da associação encontravam-se entre os que, por “ignorância sanitária”, estavam “ameaçados” pelos “insidiosos ataques” da peste bubônica? Acreditamos que não. As palavras introdutórias de Maroja¹⁶ sinalizam outro interlocutor privilegiado: o público leitor da imprensa local, que teve acesso ao trabalho por intermédio das páginas dos jornais paraibanos. A SMCPB, por meio da imprensa, tentava afirmar sua “utilidade pública”, ao cumprir sua “função social” fazendo circular entre o público leitor um saber médico que lhe permitisse a “defesa sanitaria” contra a peste. (SANTOS, 2015, p.150).

O discurso médico conquistava cada vez mais legitimidade na Paraíba, na medida em que determinados setores das elites políticas e econômicas concordavam que a prosperidade do estado passava pela “cura” de parcelas consideráveis de sua população, diagnosticadas como “enfermas” pelo saber médico. Aos olhos destas elites, parecia que o tão almejado “progresso” dependia, entre outros fatores, da saúde das populações. Saudáveis, os “paraibanos” seriam mais úteis, mais produtivos, mas também mais ordeiros e mais disciplinados para o trabalho e para a vida em sociedade. Desse modo, a Paraíba das primeiras décadas do século XX assiste à consolidação da figura do médico como “reformador social”. A partir de então, os esculápios paraibanos teriam que conciliar as atividades da sua “clínica privada” com a medicalização de outro tipo de “corpo enfermo”: a sociedade paraibana¹⁷.

Vale ressaltar que a inserção dos médicos paraibanos em espaços públicos que possibilitavam certa margem de normalização e normatização da sociedade, tais como a imprensa local e os serviços públicos de saúde, constituiu um fator importante para aumentar a legitimidade e o reconhecimento social do saber médico na Paraíba.

No Jornal A União percebemos que o médico aparece com a finalidade de ofertar um medicamento para a cura de alguma doença e para que o corpo ficasse mais forte e saudável. Durante as páginas são circuladas notícias com nomes de médicos importantes especialistas em

¹⁵ A União, “A peste na Parahyba – Trabalho lido na sessão de hontem da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba, pelo dr. Flavio Marója”. 30 de out. 1926.

¹⁶ Neste caso, não devemos perder de vista que Flávio Maroja foi um dos principais defensores da educação sanitária da população paraibana durante as primeiras décadas do século XX. Dessa forma, sua atuação como médico-higienista e educador sanitário, nos permite pensar os objetivos educativos deste seu texto como tendo sido construídos na tessitura das relações entre o indivíduo e a sua corporação profissional.

¹⁷ Ver dissertação de Mestrado de Leonardo Querino Barboza Freire Dos Santos: Entre a ciência e a saúde pública: A construção do médico paraibano como reformador social. (1911- 1929).

determinada cirurgia, que curou determinada doença ou alguma propaganda contendo algum medicamento e logo abaixo o nome do médico, como podemos perceber a seguir:

Imagem 6- Venceu!!!



Fonte: Jornal A União, Quarta-feira, 2 de agosto de 1933, p. 6.

“Como observamos na imagem quem venceu a luta foi o menino que toma o Bacalaol do Dr. Richards” e o menino “fraquinho” e “debilitado” que perdeu a luta (que está no chão) percebe-se que ele não toma este medicamento pelo fato de perder a luta. Notamos a propaganda que é feita do medicamento remetendo ao nome do médico, uma forma de anunciar não só a qualidade do medicamento, mas também da importância do médico por ter indicado, o que remeteria que o medicamento realmente era confiável. Bacalaol era um fortificante incomparável que contém todas as vitaminas do óleo de fígado de bacalhau. As prescrições do médico para consumir este produto o conectava como um pilar de sustentação da eugenia voltada para o fortalecimento do corpo da criança, reconhecido no discurso como “magrinho”, o que certamente

não atendia às expectativas de uma vida sadia e robusta, conforme era idealizada para as crianças nesta época.

Embora seja muito difícil determinar com precisão quantos médicos diplomados atuaram na Paraíba ao longo das três primeiras décadas do século XX, partindo de vestígios fragmentários é possível termos uma perspectiva, mesmo que limitada, a este respeito. No quadro a seguir, oferecemos um breve panorama sobre o quadro médico paraibano àquela época.

Quadro 1- ESTIMATIVA DO NÚMERO DE MÉDICOS DIPLOMADOS QUE ATUARAM NA PARAÍBA ENTRE 1901 E 1930.

Número aproximado de médicos que atuaram na Paraíba entre 1901 e 1910	26 médicos
Número aproximado de médicos que atuaram na Paraíba entre 1911 e 1920	36 médicos
Número aproximado de médicos que atuaram na Paraíba entre 1921 e 1930	67 médicos

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de informações coletadas em: Soares Júnior (2011), Castro (1945), Nóbrega (1979), Agra (2008b), Oliveira (1968) e em alguns dos documentos analisados ao longo desta pesquisa.¹⁸

Porém, torna-se mais seguro analisar os números do quadro acima como uma estimativa que, embora parcial, possui certo valor histórico na medida em que foi produzida a partir do cruzamento de informações obtidas em diversas fontes. É provável que a quantidade de médicos que atuaram na Paraíba fosse maior do que a retratada no quadro acima. No entanto, o quadro acima sinaliza o crescimento do número de médicos atuando na Paraíba ao longo das três primeiras décadas do século XX.

Problematizando a produção de uma sensibilidade moderna na Campina Grande das primeiras décadas do século XX, por meio de uma análise das imagens construídas em torno dos médicos Chateaubriand Bandeira de Melo e João Arlindo Corrêa, Giscard Agra (2008b, p. 140) argumenta que até o final do século XIX, “o médico formado não buscava estabelecer-se como único detentor do conhecimento sobre as curas dos males que afligiam as pessoas”. Porém, nos anos 1920, a cidade começou a receber novos médicos, formados segundo uma nova concepção de medicina, tributária da maior institucionalização do campo a partir do final do século XIX, que buscou aproximá-la da ciência. Este diálogo com a ciência tornou a medicina mais avessa às

¹⁸ Informação retirada da dissertação de Leonardo Querino Barboza: *Entre a Ciência e a saúde Pública: A construção do médico Paraibano como reformador social. (1911 – 1929)*, p. 66.

alteridades terapêuticas, pois a partir de então, na luta por demarcar um espaço proeminente no campo da saúde, o saber médico operou uma autêntica “caça as bruxas” contra práticas de cura diferentes da sua, recorrendo ao discurso da competência científica para deslegitimá-las e reprimi-las (AGRA, 2008b, p. 150).

Uma forma de sentir e pensar que “louva” a saúde e a limpeza e que condena a doença e a sujeira, já estava circulando entre alguns grupos sociais da Paraíba. Uma sensibilidade cuja “fabricação” histórica dialogou intimamente com as representações médicas que “descobriram” a doença como problema social e construíram a higiene como fator de ordem, progresso e bem-estar (OLIVEIRA, 2011, p. 30). Esclarecendo melhor: o discurso médico, ao representar a saúde e a higiene como fatores de progresso econômico e de aperfeiçoamento físico e moral, participou da “fabricação” desta nova preocupação com a saúde da sociedade paraibana.

O Jornal A União que circulou no começo do século XX representa um serviço de saúde pública. O médico era cada vez mais solicitado, mas agora o doente era outro: além de cuidar das dores individuais, os clínicos conquistavam legitimidade para curar a sociedade, pois a doença tornara-se uma questão social, uma demanda coletiva que reclamava ações políticas orientadas pelo “competente” saber da medicina científica. Nestes primeiros anos do século XX, vai se consolidando na Paraíba a “figura do “médico missionário” , obstinado em sua intenção de cura e intervenção” social (SCHWARCZ, 1993, p. 198). É tempo de sair dos consultórios e assumir maiores espaços na política e na imprensa. É época de fortalecimento do saber-poder médico na Paraíba. (SANTOS, 2018, p. 86).

Mais para o final da década de 20 pode-se observar maior destaque para a especialização nos anúncios médicos. O mesmo Oscar de Castro, que em 1926 oferecia serviços de “Clinica medica” ao lado do cuidado com as crianças, em anúncio publicado no ano de 1928 optara por enfatizar somente sua especialidade: “Doenças internas e de crianças”. No ano seguinte, o Dr. Lauro Wanderley, cirurgião adjunto da Santa Casa de Misericórdia da Paraíba, divulgava seus préstimos como médico especializado em partos e no tratamento cirúrgico de “Moléstias das Senhoras”. Tito de Mendonça por sua vez, fazia partos e curava “doenças das senhoras e das vias urinarias”. Já o Dr. Florentino, oferecia um leque mais vasto de serviços médicos: “Doenças das senhoras; Bleorrágia e suas complicações; Reumatismo; Tumores Cutâneos (cancros, verrugas, etc.); Sífilis e doenças da Pele, Cabelos e Unhas”¹⁹. (SANTOS, 2018, p. 92).

¹⁹Jornal a União 1928, p. 03.

Imagem 7- Indicador de médicos



Fonte: Jornal A União, Domingo, 11 de fevereiro de 1934, p. 13.

Na imagem acima está contido: Dr. Josa Magalhães- Médico especialista, Dr. Armando Tavares- Doenças de crianças, Dr. Lauro Wanderley- Doenças das senhoras, Dr. João Soares- Médico do serviço de Higiene Infantil. As propagandas no Jornal A União indicando médicos especialistas era recorrente, observamos na imagem alguns médicos paraibanos de destaque, sempre que os divulgava informava o endereço de atendimento e quais hospitais atuavam. Desse modo, os médicos que assumiram a tarefa de curar a sociedade paraibana nas primeiras décadas do século XX, mesmo que ainda não fossem tão “cientistas” como seus colegas dos anos 50, passaram a se beneficiar de uma relação de poder que os autorizava a intervir em diversos aspectos da existência, visto que seu saber era duplamente “poderoso”: porque médico, porque científico. No “século da ciência”, os médicos paraibanos começavam a ser “cientistas” ao mesmo tempo em que a ciência era socialmente representada pelas elites nacionais e locais como o saber mais apto a orientar os destinos das sociedades. Como bem afirmou Soares Júnior (2011,

p. 31), nesse momento, os médicos paraibanos eram “tratados como “semideuses”, pois portavam o saber da ciência e representavam a cura”.

Assim, o saber médico forja um caminho para a “civilização”, construído com os “tijolos” da saúde e o “cimento” da higiene. Segundo esse discurso, o caminho para alcançar a “civilização” seria invariável, sendo válido para todos os povos independente de suas especificidades históricas: o aperfeiçoamento moral e material da sociedade, a ser concretizado pela ação dos governantes orientada pelo saber médico-científico. Além disso, para se tornar próspera uma sociedade precisava solucionar seus problemas de saúde pública (CHALHOUB, 1996, p. 35). Desse modo, uma sociedade que desejasse se tornar “próspera” e “civilizada” precisaria, necessariamente, recorrer ao saber médico, especialmente à “medicina social”, visando orientar suas ações políticas a partir de princípios científicos. Como apresentado anteriormente em outros capítulos dessa monografia era necessário solucionar os problemas de saúde pública também, pois só assim era possível civilizar toda a população para o cuidado de si.

O doente se encontra duplamente fragilizado para se relacionar com o poder médico. Primeiro porque a doença desperta sentimentos contraditórios e experiências desgastantes: segregação, angústia, desespero, medo da morte, esperança de saúde, desejo de se curar. Segundo, porque está diante de alguém que domina o conhecimento científico sobre o corpo doente. Sendo assim, ansioso pela cura e sendo esquadrinhado pelo “poderoso” saber objetivo da ciência médica, que diz conhecer seu corpo mais do que ele próprio, o enfermo pouco tem a fazer além de seguir as prescrições do médico. É provável que quanto mais grave a doença e mais ansioso pela cura for o enfermo, mais poderes ele conceda ao seu clínico.

Seguindo caminho, Lilia Moritz Schwarcz (1998:56) informa que o processo de penetração do saber médico na sociedade dava-se por processos que envolviam ordenar, prescrever, certificar, prometer e ameaçar. O poder público, o saber médico, o Direito e a religião acabaram por unir-se em algo semelhante a uma cruzada para organizar um Estado nacional civilizado. O combate a ser travado encontrava como inimigo a doença, a prisão, a pobreza, os perigos da rua e a prostituição.

Como pontua José Gondra (2004:119), a ampliação do saber médico na sociedade fez com que a crença na medicina fosse fortalecida, o que resultou no esquadrinhamento dos espaços público e privado, a fim de produzir cidadãos em um ambiente higienizado. A salubridade pública na Paraíba passou a ser tratada não apenas como uma necessidade do corpo, mas também como uma situação integral, que envolvia saúde corporal, bons costume e educação. A

população, então, deveria ser treinada, fiscalizada e controlada, a fim de não levar ao caos um país que, “jovem e rico”, teria como prenúncio ser uma grande nação. O grande objetivo tanto do Jornal A União quanto dos governantes paraibanos era desodorizar a cidade, conscientizar a população para que cuidasse de sua saúde, pois uma sociedade forte e saudável era possível ter também uma cidade limpa e para conseguir conscientizar a população utilizam do saber médico divulgado no Jornal A União.

Além do saneamento das cidades, o discurso médico previa um disciplinamento do corpo das famílias. Como Alcir Lenharo elenca a família opera com a energia sexual dos filhos para lhes impor as normas sociais e canalizá-la para os rumos de sua manutenção. O estado capta da família a força de que precisa para a sua constituição: “Sem família não há dignidade do Estado”. “A criança, portanto, não escapa do vasto campo de análise, classificações e catalogações médicas, encontrando respaldo no discurso da identidade nacional e da construção da família saudável e útil”. (LENHARO, 1986, p. 45).

Como mencionado acima os jornais serviram como veículo de propaganda para divulgar os discursos médicos sobre os cuidados com o corpo e com a higiene. Os novos códigos de civilizar chegaram à população através do comércio e dos anúncios, de jornais e revistas, que vendiam os produtos usados pelos ditos modernos, belos, era o que estava em evidência. Prometiam a cura das doenças e o fim das decrepitudes físicas, associavam o cosmético ao moderno e higienizava pelos bons modos.

Portanto, o médico na Paraíba teve uma grande influência para ensinar e prescrever modos de como a população deveria cuidar de seu corpo deixando-o saudável, por isso utilizam da imprensa para divulgar normas e regras de higiene, tiveram também grande colaboração nas propagandas de medicamentos que era circulado no Jornal A União. Dessa forma, é preciso higienizar porque higienizar vem ao encontro dos interesses sociais e políticos daquele momento. Não é simplesmente porque se quer defender a saúde dos indivíduos ou porque se pretenda que tenham melhores condições de vida, mas as medidas com base exclusiva na coerção. A adesão, o convencimento, se faz pela via da justificativa calcada no conhecimento científico, empregando uma faceta mais próxima dos indivíduos – a faceta médica –, na qual a figura do médico está diretamente relacionada com a vida e a morte.

CAPÍTULO II-PRÁTICAS CORPORAIS: MEDICAMENTOS E SUAS ORIENTAÇÕES DE USO.

“Perguntar o que é o corpo é quase como perguntar ‘o que é tempo’. O corpo é um paradoxo, pois é o que temos de mais familiar e também de mais estranho. Nós nascemos com um corpo que nos acompanha por toda a vida, e por isso é familiar. No entanto, quando temos alguma dor ou sensação que desconhecemos, percebemos como o corpo também tem uma dimensão completamente estranha a nós”

Denise Bernuzzi de Sant’Anna

Nesse capítulo vamos dar ênfase às propagandas dos medicamentos evidenciando o papel das propagandas como uma prática educativa que influenciou no cuidado com o corpo. Visto que os medicamentos nos permitem que, de modos diferentes, incorporem uma abordagem histórica cultural sobre as mudanças das práticas de cuidar do corpo na Paraíba, contribuindo na visibilidade deste tema, a medicalização dentro da historiografia. Evidenciamos essa possibilidade analisando as propagandas de medicamentos veiculadas no Jornal A União.

Imagem 8- Espirrou!!!



Fonte: A União, 13, ago. de 1926, p. 3.

Dessa maneira quando observamos nas propagandas de medicamentos nota-se que foi instaurado sobre os corpos, um controle, uma vigilância, uma perseguição dos corpos. Mas mesmo assim que o corpo tornou-se um objeto de preocupação e de análise, como alvo de

vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo. (FOUCAULT, 1979, p. 147).

2.1- Propagandas de medicamentos: a saúde como produto de consumo, “Tomou, Passou”!

Em meio aos progressos esperados da ciência higiênica, a propaganda de remédios para a saúde ganhou espaço crescente nos jornais brasileiros durante as primeiras décadas do século XX. Vários de seus anúncios mostravam figuras humanas atacadas por doenças, enfraquecidas, olhares tristes e rostos contorcidos. Ainda não havia grande constrangimento em mostrar a sujeira, a doença e a feiúra. No texto publicitário, ainda existiam longos discursos sobre os detalhes do sofrimento. A narrativa da lamúria e da queixa funcionava como um atrativo para a vida. Os jornais brasileiros veiculavam publicidade de uma miríade de remédios destinados à limpeza e à saúde de outras partes do corpo, de ambos os sexos. Exibia de modo espetacular uma sucessão de males capazes de obstruir a circulação da vida.

Os anúncios de produtos, medicamentos e cosméticos transmitem um testemunho sobre o passado —daquilo que teve lugar um dia, como marcas que restaram de outro tempo e que podem dizer algo sobre o presente de sua elaboração e de sua leitura pelos homens daquela época. A propaganda de remédios para combater congestionamentos orgânicos no estômago e nos pulmões ganhou progressivamente a atenção do público leitor de jornais. O corpo era frequentemente concebido como um mecanismo energético, contendo um líquido vital, além de um motor chamado coração, com “condutores que se ramificam ao infinito e distribuem o sangue a todos os órgãos. A novidade da época não estava na proposta de limpar o interior do organismo, depurando-o de modo a livrá-lo das doenças. Um tripé intimamente relacionado à fabricação de uma nova geração de produtos e de uma progressiva medicalização dos cuidados com a higiene e a beleza do corpo.

Imagem 9- Gastricol!



Fonte: Jornal A União, Domingo, 4 de julho de 1926, p. 03.

A propaganda do medicamento Gastricol circulado no Jornal A União, era indicado para as doenças do estomago; cólicas; falta de apetite; enjôo do mar; enjôo da gravidez; palpitações; enxaqueca; vômitos; tontura; gases; prisão de ventre e mal-estar depois da comida. Desse modo, tinha efeito infalível nas moléstias do fígado, baço e intestinos. O Jornal A União divulgava em suas páginas uma grande variedade de medicamentos cada um voltado para um tipo de doença e dores diferentes, era um verdadeiro livro de saúde.

É importante ressaltar que não eram somente as boticas que vendiam medicamentos no país, lojas de banheiro, padeiros e ourives também o faziam. E, desde essa, já havia prescrição de uso de medicamentos se os cirurgiões curavam de medicina e os médicos aviavam suas receitas, os boticários receitavam por conta própria. A volta ao passado remete à frase: “O Brasil é um

vasto hospital”, de Ricardo Ramos²⁰ que a utiliza para justificar a crescente fase de anunciantes em jornais: medicamentos, tônicos e licores, óleos, pílulas e pós. Porém os anunciantes tinham que, legalmente, obter aprovação da Insepetoria Geral de Higiene, cujo integrante era o médico sanitaria Oswaldo Cruz. (VIEIRA, 2003, p. 72).

A propaganda de Biotônico Fontoura marcou a história da propaganda de medicamentos do Brasil. Biotônico Fontoura surgiu em 1910 (criado por Cândido Fontoura), na cidade de Bragança Paulista, interior de São Paulo, como um antitônico, ou seja, um composto de ferro para o sangue e fósforo para os músculos e nervos. Por volta de 1916, Fontoura, colaborador no setor de medicina do jornal “O Estado de S. Paulo” conheceu Monteiro Lobato, que adoecendo e fora de forma Lobato²¹ recebeu de Fontoura a indicação do Biotônico. Tomou, ficou bom, e como retribuição ao amigo, escreveu um livro criando o personagem Jeca Tatu. Tatuzinho, caboclo pobre, morava no mato, em uma casinha de sapé, vivia na pobreza e tinha mulher e filhos, magros e tristes que, ao tomarem Biotônico Fontoura, ficavam fortes e bem dispostos. (TEMPORÃO, 1986, p. 58). Podemos observar que o Biotônico Fontoura na imagem abaixo também teve circularidade na Paraíba, como medicamento capaz de fortificar o corpo.

²⁰ Ricardo Ramos foi um escritor, advogado e jornalista brasileiro.

²¹ Lobato passou a redigir e ilustrar um almanaque que continha orientações fundamentais sobre saúde e higiene.

Imagem 10- Biotonico Fontoura



Fonte: Jornal A União, Domingo, 22 de setembro de 1935, p. 3

Na imagem “Vale o mais esperto e resistente remete ao que tomava o Biotonico Fontoura visto que esse medicamento na propaganda acima está voltado para a idéia de que tem uma grande vantagem para a vida, pois se tiver falta de apetite, perda de memória e cansaço no trabalho são sinal de enfraquecimento fazendo uso do Biotonico Fontoura que fortalece o sangue, os músculos e o sistema nervoso, o indivíduo seria fortificado. Sem saúde não se pode ter alegria de viver, dessa forma observando a imagem notamos os dois homens alegres e com a aparência saudáveis sinal que a felicidade estava ali presente.

Outro medicamento imprescindível na história da propaganda no Brasil é Aspirina. Todavia, antes disso, faz-se importante conhecer um pouco sobre a Bayer, indústria farmacêutica de origem alemã, fabricante da Aspirina. Os anúncios da Bayer tinham como características, também, as marcas acompanhadas de frases de efeito: Adalina “a fonte eterna da juventude”, Bayaspirina “silêncio”, Instantina “num instante vae-se o mal”. (TEMPORÃO, 1996, p. 49). Medicamentos para dores em geral, principalmente cefaléias, ganharam destaque nos anúncios, como o da cafiaspirina.

Imagem 11- A fonte da eterna beleza



Fonte: Jornal A União, Sexta-feira, 23 de novembro de 1929, p. 4.

Na imagem acima está contido o seguinte: “A fonte da eterna beleza e da alegria de viver, é o sono são e reparador. Um pezar é mais fácil de ser removido quando nos refugiamos sob o manto protetor do sono que nos faz esquecer mais depressa as dores e misérias da vida. Não vacile! Não tome a noite! Dois comprimidos Bayer de Adalina proporcionarão tranqüilidade aos vossos nervos e um sono são e profundo. Coprimidos Bayer de Adalina”. Nas palavras: “A fonte da eterna beleza e da alegria de viver” remete ao medicamento Adalina na qual era constantemente divulgado nas páginas do Jornal A União, a Adalina dava alegria de viver e tranquilidade notamos isso na imagem uma mulher com a fase leve resultado do medicamento. Com este medicamento o sono era regulado, por isso proporcionava tranquilidade.

O que justifica o grande investimento da indústria farmacêutica em propaganda no Brasil, no final do século XIX, são as multinacionais. A presença delas se intensificou bastante na década de 1930, quando sete laboratórios europeus se instalaram no país. (EDLER, 2006, p. 114). Desde meados do século XIX, os medicamentos eram grandes anunciantes de jornal.

A credibilidade em determinada marca do medicamento, sua eficácia, não apenas baseada em promessas e ameaças, mas nos próprios resultados, na cura, é que propicia uma fidelidade à marca. Ao visitar drogarias pelo Brasil, as pessoas deparam-se com medicamentos antigos, com sabor nostálgico, ainda fabricados e vendidos no país. Essência de vida olina, Biotônico Fontoura, Elixir de Inhamé Goulart, Xarope São João, Pílulas de vida Dr. Ross, Emulsão Scott, Sal de fruta eno e Aspirina são alguns deles. Scott, feito à base de óleo de fígado de bacalhau, garantia ser um fortificante e reconstituente rico em vitaminas, cálcio e fósforo, indicado à criança anêmica. Os rótulos de Emulsão Scott conservaram a imagem do pescador com um bacalhau nas costas.

Para Carlini (2004, p. 52), “a utilização da expressão botica para a farmácia e boticário para o farmacêutico vem desde o descobrimento do Brasil, perdurando até as primeiras décadas do século XIX”. As boticas instaladas, utilizando práticas artesanais e empíricas, assemelhavam-se às congêneres européias, trazidas por farmacêuticos que transferiam seus conhecimentos às novas gerações, num processo de pai para filhos. Os remédios, então, eram preparados nas próprias boticas.

Outra questão que fica evidente através desses anúncios é o incentivo tanto ao auto diagnóstico quanto a automedicação. A indústria farmacêutica ao investir na propaganda de remédios, possivelmente, apostava no auto consumo, estratégia historicamente hegemônica de enfrentamento das situações de doenças, por parte da população, frente à insipiência e baixa cobertura dos serviços assistenciais. Os anúncios ressaltavam que os remédios eram indicados e desenvolvidos por “clínicos” renomados e o seu consumo não necessitava nenhum tipo de dieta nem de resguardo.

Herança indígena, a fé desde sempre teve espaço na cultura popular brasileiro, portanto, o remédio ou o fato de remediar a doença não tinha uma busca racional apenas no preparado, mas na crença. (EDLER 2006, p. 48) relembra: os remédios iam da oração à sangria, passando pelos exorcismos, fórmulas mágicas, talismãs, ervas, minerais e substâncias de origem animal. Nesse período, a maior parte da população, formada por pobres e escravos, contava com remédio caseiro, muitas vezes recomendado por curandeiros.

Portanto, a produção industrial de medicamentos cresceu lentamente. Nas duas primeiras décadas do século XX, as farmácias preparavam as receitas indicadas por médicos, além de fabricarem elixires, vinhos e licores reconstituintes, pomadas e produtos de beleza. (EDLER, 2006, p. 96-97). A saúde sempre foi relacionada à doença, e a partir do momento que se aliou à cura e não à prevenção, o medicamento passou a agir imediatamente na vida do ser humano. A circularização de medicamentos no Jornal A União teve uma grande importância para a sociedade paraibana visto que construiu práticas educativas, percebemos ao longo da monografia que o médico teve total relevância para efetivar a qualidade do medicamento.

2.2- “Robusteza sua criança para ser o futuro da nação.”

Discutiremos imagens da infância construídas nas propagandas do jornal a União de 1926 a 1935, destacando temas como medicamentos, saúde e higiene. Além disso as imagens de infância veiculadas estavam associadas à família, apresentando a criança como dependente do adulto. Atualmente observamos a publicação intensa e intensiva de publicidade infantil²² em inúmeros suportes midiáticos e de difusão de informação, como na internet, na televisão, em revistas destinadas ao público em geral ou nas especializadas (revistas de Pediatria, de Psicologia, de Educação, Revistas para pais e mães, etc.), nos jornais, nas rádios, nas ruas (outdoors, cartazes).

Em uma das páginas do Jornal A União encontramos a propaganda do Emulsão Scoot como medicamento para se combater as doenças:

RESISTÊNCIA ÀS DOENÇAS

O perigo de contrair doenças infecciosas, principalmente as dos bronquios e dos pulmões, está em toda parte e é de todos os momentos. Mas também a qualquer momento e em toda parte e é de todos os momentos. Mas também a qualquer momento e em toda parte se encontra a defesa natural do organismo NAS VITAMINAS A e D em que é riquíssima a Emulsão de Scoot de Oleo de Fígado de Bacalhau. Tomando-se regularmente a Emulsão Scoot, verifica-se com que rapidez o organismo adquire força, energia e resistência às doenças, principalmente as do aparelho respiratório. (Jornal a União, Quinta-feira de 1927. P. 06).

²² Por publicidade infantil entendemos não apenas aquela destinada exclusivamente à criança-consumidora, mas também àquela dirigida à adultos-pais, ou tutores, ou responsáveis, aos profissionais e técnicos envolvidos com a atenção à infância. Todos estes, consumidores e “difusores” dos produtos e serviços direta ou indiretamente indicados ou relacionados à suprir ou criar necessidades infantis ou dos adultos em suas relações e trabalho com crianças.

O extraordinário sucesso da fórmula Emulsão de Scott pode ser atribuído, entre outras razões, pelas massivas propagandas que se faziam do produto, as quais, conforme se pode perceber nos anúncios seguintes, exageravam em demasia em seus efeitos e benefícios. Aqui no Brasil, a Emulsão de Scott passou a ser comercializado já nos primórdios do século XX, atingindo sua máxima popularidade nos anos 20, sendo usados ainda hoje, por uma parcela da população. Os anúncios a seguir, extraídos do Jornal A União em diferentes épocas, refletem um pouco a história do medicamento Emulsão de Scott, que também faz parte da nossa história.

Publicado no Jornal A união no ano de 1933, Domingo, 27 de agosto, sobre a mortalidade infantil em João Pessoa em uma Conferência Nacional de Proteção à Infância é possível notarmos que os números eram altos e por isso a preocupação em cuidar desse corpo infantil através dos medicamentos, é importante elencarmos que esse é um dos grandes motivos de ser circulado durante esses anos no Jornal A união medicamentos direcionados a esse grupo. Segue abaixo o quadro demonstrativo.

Quadro 2- Quadro demográfico- AS Nitario de 1926 a 1930

Anos	População	Mortalidade Geral.	Nati-Mortos	0 a 1 ano.	1 a 5 anos.	5 a 10 anos.
1926	53.000	1216	127	479	90	30
1927	53.000	1263	133	477	150	32
1928	53.000	1241	148	425	164	40
1929	53.000	1170	144	374	138	28
1930	53.000	1345	122	496	128	24

Dessa forma, tendo em vista que nesta temporalidade o estado da Paraíba enfrentava as endemias e as infecções intestinais que atingiam adultos e crianças e as ações do poder público para sanar esse problema eram constantemente divulgadas na imprensa. As más condições de saúde da população construíram ambientes favoráveis à divulgação de medicamentos para evitar os males. Diante desta realidade, esses tipos de anúncios funcionavam como tecnologias de poder que interferiam nas práticas educativas para construir nos sujeitos padrões de higiene e novas práticas de cuidado com o corpo.

Imagem 12- Creanças Robustas



Creanças Robustas

Cheias de vida, que tanto promettem para o futuro, são uma verdadeira alegria do lar domestico.

Para elles não ha rachitismo, nem caras tristes, nem a tendencia que os torna atreitos a enfermidades, com o consequente soffrimento, despezas e angustias para os paes.

Recorde-se que para elles a melhor garantia da sua saude é o ffequente emprego da

EMULSÃO de SCOTT
(do rico oleo de fígado de bacalhao)

Fonte: Jornal A União, Sábado, 02 de setembro de 1928, p.03.

No exemplo do anúncio acima, a divulgação já direcionava seu público alvo e preconizava seus benefícios desde a primeira infância. As estratégias de persuasão estavam na contemplação de olhar para a criança que apresentava formosura representada nas palavras “Creanças Robustas”. A Emulsão de Scott se colocava como um praticante da puericultura como medida eugênica preventiva, já que o mesmo, ao se referir à vida, enfatizava também o crescimento, ou seja, sugeria um acompanhamento sistemático da criança com cuidados que iriam refletir nos benefícios da saúde representados pelo poder dos dispositivos sadios e robustos. Ou seja, ser criança era ser carente fosse de cuidados, de nutrição, de saúde, de experiência. As propagandas relacionadas, aos tônicos o seu anúncio não tinha um discurso destinado a convencer o uso exclusivo em crianças, ao contrário, propunha-se a combater “anemia, reumatismo, asma, bronquite, inflamações de diversos tipos e afecções causadas pela impureza

do sangue”. Em nenhum momento induzia o leitor a identificar o tônico como especialmente apropriado para uso infantil.

Como nos sugere Maria do Rosário Gregolin (2011) as imagens enquanto enunciados que parte da perspectiva pensada por Jean Jacques Courtine em todo o conjunto de sua para compreender o sentido das imagens não deve-se deixar de lado as palavras que a acompanham, pois imagens e palavras se complementam no sentido. Percebemos após observarmos o todo da imagem e analisando o enunciado imagético e o enunciado verbal juntos, percebemos a criança com um sorriso na face sinal que remete a está feliz e também saudável.

Imagem 13- Me dá mais mamãezinha



Fonte: Jornal A União, Terça-feira, 16 de maio de 1933, p. 6.

Nota-se a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e inteira para cuidar da sua filha, parte do pressuposto de que a mulher em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido. E a filhinha demonstrando gostar do medicamento que estava tomando logo sua mãe diz para que ela espere a hora de tomar outra colher, nesse enunciado entra a figura do médico que com

certeza o indicou prescrevendo como tomar. Como instrumento de persuasão para convencer e seduzir o consumidor apareceu neste anúncio à criança. Ela era a protagonista que anunciava os benefícios do produto e atestava a confiança do mesmo aos seus pares. O apelo para o consumo exercia sobre o consumidor a confiança, por ser um produto “incomparável”. Estas representações reforçavam a credibilidade que este medicamento buscava construir na sociedade, deixando transparecer que serviria para todos os males.

Por esse prisma, também ganhavam evidência os discursos dos médicos que atestavam que ter saúde era estar robusto e essa condição era pensada para a criança, desde a tenra idade. Como medicamento concentrado, a Emulsão deixava transparecer seu potencial para todos os males, reafirmando sua identidade, o que lhe conferia qualidade, fazendo uso do caráter científico, atribuindo à ciência médica a sua “eficácia”. Colocando a saúde sob a responsabilidade do consumidor, só não a preservava quem não queria. Ou seja, não havia espaço de escolha, para garantir a saúde era necessário fazer uso do medicamento indicado.

Pensando no corpo-espécie, o biopoder trabalha o corpo humano em seus processos biológicos, seja contabilizando os índices de mortalidade, seja procurando aumentar os índices de natalidade, ou regulando o nível de saúde da população. Para realizar tal tarefa é preciso uma intervenção na população (FOUCAULT, 2015), sua regulação e a sua mudança de comportamento e gestos. Crianças e adultos são alvos do biopoder.

Imagem 14- A criança que não tomou Bacalaol



Fonte: Jornal A União, Sexta-feira, 1 de setembro de 1933, p. 05.

Observamos na imagem um grupo de crianças e ao lado um menino magrinho e com a face abatida possivelmente estava com o corpo debilitado por alguma doença ou “fraquinho” sem vitaminas, e ao lado três crianças saudáveis e com muita alegria, logo contém na imagem: “Neste grupo logo se distingue criança²³ que tomou bacalaol”, ou seja, a criança que tomava esse medicamento seria saudável e que não tomava ficaria debilitado. A partir do uso estariam fortes e aptas para brincar, nota-se o sorriso que remete a felicidade. Então, este anúncio aos poucos estava exercendo seu biopoder sobre os potenciais consumidores - as crianças.

²³Usamos a palavra como está escrito na fonte.

Imagem 15- Os nossos filhos são os homens de amanhã!



Os nossos filhos são os homens de amanhã!

Dia a dia os desportos e exercí-
cios musculares vão ocupando maior
parte no programa de vida escolar. O
seu fim é o de desenvolver e robustecer
o corpo, tornando o intellecto mais
activo. A vida moderna o exige, como
solução a muitos problemmas que a mo-
cidade se vê forçada a enfrentar.

Tenha a certeza de que seus filhos
estejam em condições de arcar com as
responsabilidades da vida actual. Ajude
o seu desenvolvimento com a Emulsão
de Scott, que é alimento concentrado e produz carne, osso
e força. D'isso depende o futuro exito, saúde
e intelligencia do seu filho! E para elles nada
há melhor do que a

Emulsão de Scott

Rica em Vitaminas

Fonte: Jornal A União, Sábado, 21 de abril de 1928, p. 5.

Na imagem contém o seguinte: “Os nossos filhos são os homens de amanhã! Dia a dia os desportos e exercí-
cios musculares vão ocupando maior parte no programa de vida escolar. O seu fim é o de desenvolver e robustecer o corpo, tornando o intellecto mais activo. A Vida moderna o exige, como solução a muitos problemas que a mocidade se vê forçada a enfrentar. Tenha a certeza de que seus filhos estejam em condições de arcar com as responsabilidades de vida atual. Ajude o seu desenvolvimento com a Emulsão de Scoot, que é alimento concentrado e produz carne, osso e força. D’ isso depende o futuro êxito, saúde e intelligência do seu filho! E para elles nada há melhor do que a Emulsão de Scoot”.

A imagem está interligada com a Educação Física escolar, visto que ela ganha grande destaque durante esse período, era preciso disciplinar esse corpo da criança para que ele seja o futuro da nação. Os esportes e exercí-
cios musculares vão ocupando maior parte no programa de vida escolar. O seu fim é o de desenvolver e robustecer o corpo, tornando o intelecto mais ativo

por isso era indicado a Emulsão de Scott. Dessa maneira o civismo aparece em estreita ligação com a idéia de aperfeiçoamento físico, moral e intelectual da raça. O valor atribuído à educação eugênica foi expresso na Constituição de 1934, onde foi incluída como um dever do Estado. A aproximação entre educação e aperfeiçoamento da raça seguiu justificando a Educação Física. O civismo aparece em estreita ligação com a idéia de aperfeiçoamento físico, moral e intelectual da raça. A higiene médica se propõe a suprir as deficiências, ditando regras de formação do corpo sadio do adulto e da criança.

A criança aparecia como uma espécie de “semente” que seria testada desde o nascimento cultivada para salvar a sociedade da delinquência moral e para isto ela deveria ser disciplinada desde o nascimento com práticas de cuidados higiênicos para formar esse “novo corpo” . No sentido Foucaultiano as práticas, segundo Veiga-Neto (2003, p. 54), “[...] designa a existência objetiva e material de certas regras a que o sujeito está submetido desde o momento em que a prática é o “discurso”.

Outro aspecto a ser observado no anúncio do Jornal A União, são os discursos dos saberes, como, por exemplo, “defenda o seu filho desses males” , a “Emulsão de Scott fará seus filhos rosados e sadios” . Em todos esses momentos o corpo foi colocado como alvo do poder disciplinar com objetivo de formar corpos dóceis, que para Foucault (1999, p. 163), “[...] é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Os corpos dóceis necessariamente não são obedientes, mas são maleáveis, adaptáveis e a partir deles se estabelecia um modelo de sociedade pensada para o Brasil.

Imagem 16-Dê ao Brasil a Emulsão de Scott

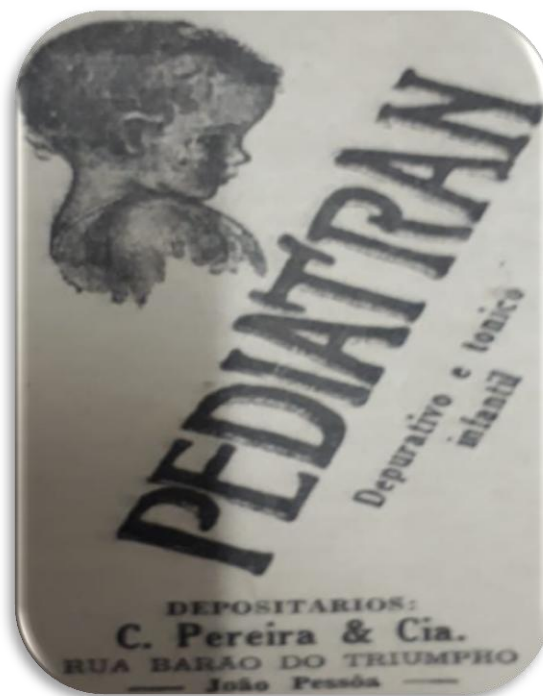


Fonte: Jornal A União, Domingo, 22 de junho de 1934, p. 05

Como discutido no primeiro capítulo dessa monografia foi possível notar que o estado esperava muito do corpo da criança, visto que era preciso logo nas primeiras idades civilizar, disciplinar a criança para que ela seja o futuro da nação e para isso teria que cuidar de sua saúde e os responsáveis seriam as famílias pelo cuidado dessas crianças. Na propaganda é possível notar as palavras em maiúsculo: “Dê ao Brasil” que remete a homens sadios, robustos, tornando, hoje, as crianças bastantes vigorosas e isso só era possível com a Emulsão de Scott. Nas palavras de (OLIVEIRA, 2006, p. 3), “uma criança normal seria, por excelência, uma criança saudável, esta preocupação não dizia respeito apenas aos médicos, mas aos pais, educadores e governantes da pátria”. (OLIVEIRA, 2006, p.3). Ao apresentar as “riquíssimas vitaminas” A e D a Emulsão de Scott utilizava como estratégia para atrair o consumidor a concepção de “necessidade”, as apresentava como “Elemento vital que defendia o organismo contra as infecções”. “Servia” para todas as idades, independente do gênero. Estabelecia, assim, um laço de confiança transmitindo a

sensação da proteção à criança, estando em sintonia com os discursos médicos higienistas e eugênicos da época.

Imagem 17- Tônico Infantil!



Fonte: Jornal A União, Domingo, 1 de setembro de 1935, p. 06.

Na imagem apresentada acima, notamos o estado da criança debilitada e com a face triste sinônimo que não estava saudável e fraquinho, os jornais publicavam estatísticas alarmantes sobre a mortalidade das crianças na Paraíba e mesmo no Brasil inteiro. Entre as diferentes causas dessa mortalidade, destaca-se em primeiro lugar, a das moléstias do aparelho digestivo. Eram raras as crianças que não sofrem de vômitos, diarreias, fermentações intestinais e que muito fazem as crianças se tornarem magras, pálidas e nervosas, por isso a propaganda do tônico uma das táticas geralmente usadas para persuadir o leitor é colocar uma imagem com alguém com feições abatidas.

Imagem 18- A balança atesta bem!



Fonte: Jornal A União, Quinta-feira, 20 de julho de 1930, p. 3.

É possível perceber a figura da família como a responsável pelo cuidado da criança, na face do pai e da mãe “bem nítidos”, indicando o nível social da família, pois, observamos que a preocupação era com a criança de classe média. Os pais estão alegres por ver sua filha forte e saudável o que nos remete a balança como evidencia que o medicamento fez o devido funcionamento no corpo de sua filha o deixando robusta, por isso o medicamento era indicado. Não há nada que dê maior prazer aos pais do que a admiração que os seus filhos despertem. Criar uma criança formosa é resultado natural da previsão e do cuidado inteligente e constante para salvaguardar a saúde dos filhos. Uma criança bela é sempre forte e saudável.

Imagem 19- Para toda a família!



Fonte: Jornal A União, Sexta-feira, 9 de julho de 1926, p. 03.

Observamos na imagem que a Emulsão de Scott era indicada para todos os membros da família, notamos o pai, a mãe e a criança feliz, a mulher na imagem aparece como a figura central que mostra a Emulsão de Scott para o esposo e a filha, nesse caso remete ao papel que a mulher teria durante essa época como a responsável pela saúde de seu marido e seus filhos. A atenção estava voltada para as crianças porque elas fariam a nação crescer e se desenvolver, por isso a família seria a principal responsável pelo desenvolvimento de seus filhos. Por meio da maternidade e do cuidado do marido e do filho que a mulher ganha importância nos meios médicos, sua função dentro da nação é uma das mais importantes; garantir que tanto os que trabalham (os maridos) como aqueles que irão um dia trabalhar em sua constituição (os filhos). Caberiam as mulheres o cuidado do lar e dos filhos, pois a maternidade não era um fator meramente de ordem privado, mas pelo contrário, uma boa mãe geraria para a estruturação de uma nação forte e saudável longe da degeneração e das doenças.

Não é à toa que a fiscalização e os cuidados com a proteção da vida infantil sejam tão atenuados no século XX, assim como o crescimento pela procura de condenar aqueles que ferissem, de algum modo a vida de uma criança. (ROHDEN, 2003).

Portanto, havia muitos medicamentos indicados para os males intestinais das crianças como também para outras doenças. Por se tratar de um anúncio, não podemos confirmar se as informações divulgadas com relação aos males intestinais da criança eram realmente solucionadas com estes remédios, porém, o discurso deixava transparecer as precárias condições de saúde dos pequeninos, o que certamente justificava as ações por parte do poder público e os oportunismos explorados pelos anúncios publicitários que divulgavam os medicamentos como soluções para as crianças.

2.3- A mulher saudável e a saúde da família: Mãe educada filhos sadios.

Qual é o grande dever da mulher? “Ter filhos, sempre ter filhos”²⁴

As imagens oferecem evidência particularmente valiosa dos tipos de trabalho que se esperava que as mulheres realizassem muitos deles na economia informal que escapa frequentemente à documentação oficial. O importante papel da mulher como mãe instituía uma educação mais adequada para a sua família, sendo a fada zeladora da saúde, do bem-estar e da felicidade do lar. A missão materna estava em proteger seus filhos e esposo. “A valorização do papel materno difundido pelo saber médico procurava semear nas mulheres que, o amor materno é um sentimento inato, puro e sagrado [...]” (RAGO, 1985, p.79).

O discurso apresentado no Jornal A União é de uma maternidade comprometida com a construção de uma prole nacional forte e saudável. Os escritos publicados valorizam a mulher sem vaidade, do lar, propagando a vocação natural de ser mãe. Com o pensamento de que a maternidade seria a sua missão, sua realização de vida não era outra, senão a procriação.

A maternidade era vista como a ciência da vida, através dos discursos que tornavam politizada a função maternal e complexificavam sua prática, alicerçando-a ao saber racional da medicina higiênica. As mulheres, com a sua doce natureza cuidavam da casa. Não teriam uma

²⁴Dr. Doléris. Néo-malthusianisme, Maternité et femminisme. Educacion sexuelle, 1918, apud Thébaud, 1990.

vida pública e apenas se preocupavam com filhos e com seu casamento. Essa entrega como resultado, uma prole adulta responsável e vigorosa. (ROCHA, 2016, p. 79).

Imagem 20- De valiosa ajuda para as mães



Fonte: Jornal A União- Domingo, 13 de setembro de 1931, p. 03.

Ao analisar a imagem e o contexto é possível perceber que a colocação de uma criança ao colo da mãe não é em vão, visto que as preocupações que aparecem desde o século XIX e atravessam o século XX em relação à saúde das populações tomam a criança como fator primordial deste cuidado com a saúde, já que está representando o futuro da nação. (ROHDEN, 2003). Na imagem é possível identificar a preocupação que a mulher teria que ter com sua saúde para que pudesse cuidar de seu filho, o que nos remete a afirmar é na descrição da imagem: “Ajuda a restituir as forças que a mãe tem de compartilhar com o filho, e contribui também para que este se desenvolva melhor”. Portanto, a mãe era a principal encarregada do cuidado destas crianças, como nos mostra Rago (2014):

Se, até o final do século XVIII, a medicina não se interessava particularmente pela infância nem pelas mulheres, o século XIX assiste à ascensão da figura do ‘reizinho da família’ e da ‘rainha do lar’, cercado pelas lentes dos especialistas deslumbrados diante do desconhecido universo infantil e do território inexplorado da sexualidade feminina. (RAGO, 2014, p. 156-157).

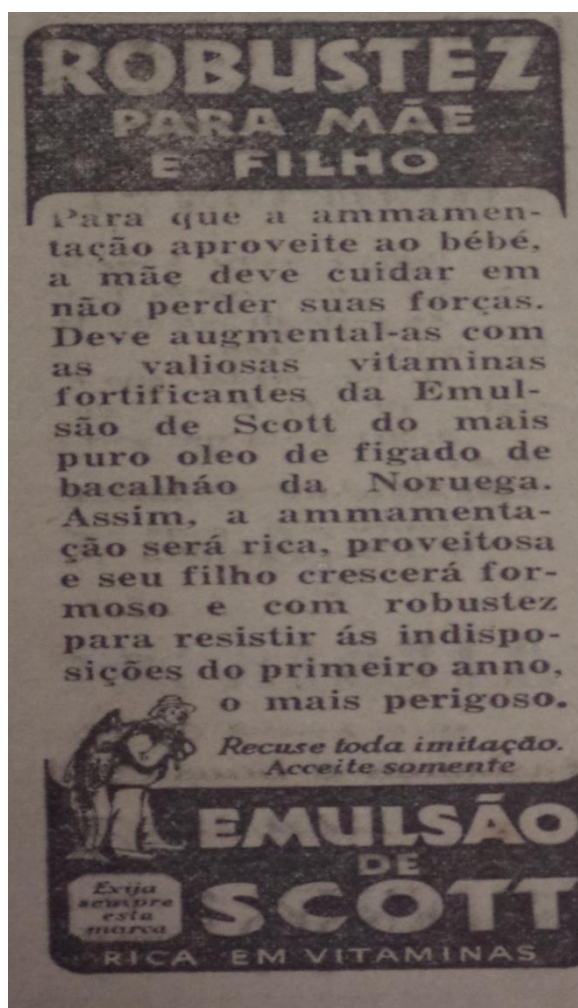
Segundo a autora, tanto a crianças quanto as mulheres vão ser os alvos principais do saber médico para melhorar a saúde das populações. A maternidade é significativa na vida de uma mulher. O acesso ao mercado de trabalho para as mulheres restringia-se a atividades relacionadas às prendas domésticas e ao magistério. Atividades que se aproximassem mais do perfil da mulher e das atribuições tidas como “inerentes” e naturais, como cuidar, acompanhar, educar, fazer trabalhos manuais. Na verdade, o que toda família almejava para suas filhas era um bom casamento.

O texto verbal do jornal colocado para seus leitores na Paraíba realça seu caráter científico e moderno possibilitando um espaço de diálogos com as consumidoras, reforçando a identidade da mãe com o vínculo do progresso para contribuir com a saúde do filho, ao consumir o produto indicado. Percebemos que o discurso deste anúncio estabeleceu relação direta com a política eugênica voltadas para as crianças, idealizadas como o ‘futuro da nação’, quando direciona a linguagem escrita, de que os cuidados da mãe são para fortificar ‘a saúde do filhinho’. Identificamos nestes discursos a prática da governamentalidade exercida sobre a mãe para alcançar o bebê, já que ele ainda não era independente.

Dessa maneira, os pensamentos civilizatórios a maternidade e seus cuidados a vida intrauterina, como a fase da vida mais complicada que a criança atravessava; estava sujeito a traumatismos, deformidades, a falta de higiene que poderia acarretar várias irregularidades no desenvolvimento orgânico. Precisava-se de uma mulher informada, com conhecimentos técnicos, orientada sobre a formação e os cuidados com o bebê desde a gestação.

A idéia de maternidade como uma prática científica, colocava as mulheres como partícipes imprescindíveis na construção da nação moderna. Para a construção dessa ciência da vida, foi necessário o saber médico adentrar nos lares, ficar próximo da mulher, da mãe, difundindo os conhecimentos pensados como masculinos sobre administração, finanças e medicina higiênica, dentro e fora do “lar”, e assim contribuíram para a racionalização da maternidade pela educação e seu potencial civilizatório:

Imagem 21- Robustez para mãe e filho



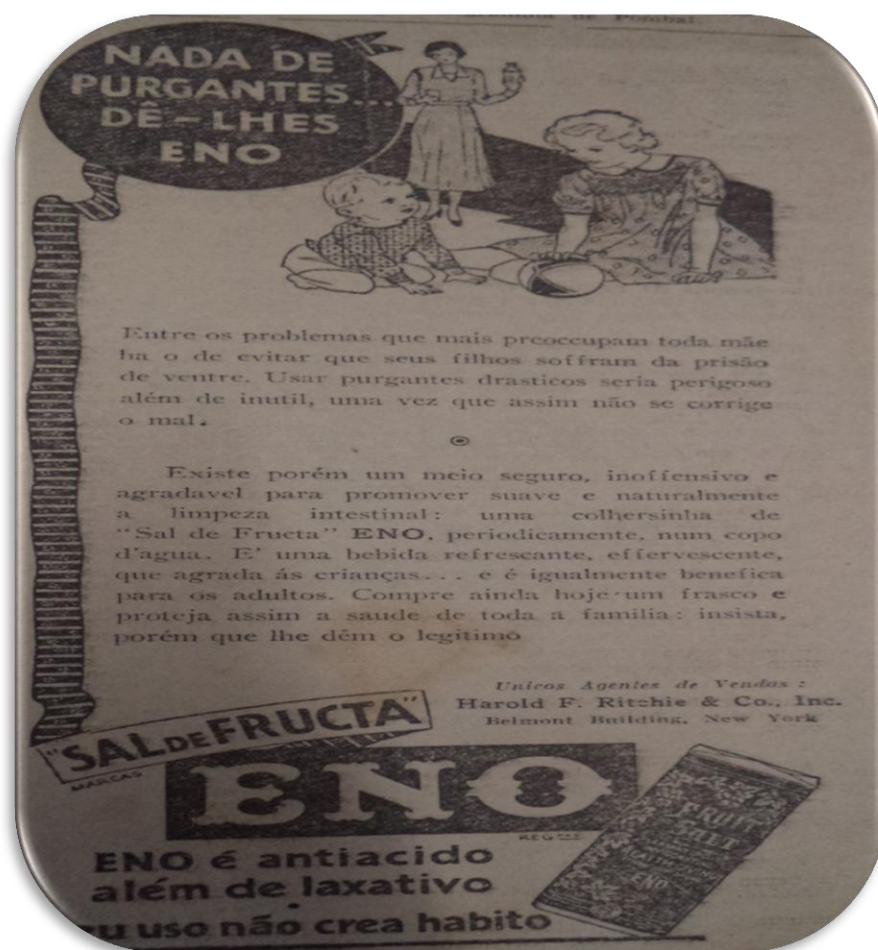
Fonte: Jornal A União, Quinta-feira, 20 de outubro de 1932, p. 03.

Na imagem está escrito: “Robustez para mãe e filho. Para que a amamentação aproveite ao bebê, a mãe deve cuidar em não perder suas forças. Deve augmental-as com as valiosas vitaminas fortificantes da Emulsão de Scoot do mais puro óleo de figado de bacalhão da Noruega. Assim, a amamentação será rica, proveitosa e seu filho crescerá formoso e com robustez para resistir ás indisposições do primeiro anno, o mais perigoso”.

Mães educadas por excelência teriam filhos vigorosos e sadios, nota-se a preocupação com a amamentação na qual a mãe teria que ter cuidado em não perder suas forças e para que não perdesse era importante tomar a Emulsão de Scott, visto que a amamentação era o principal alimento para a criança crescer sadia, certamente a proposta dos médicos era de que as mulheres deveriam oferecer aos seus filhos uma alimentação o mais natural possível.

A promoção de um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, é uma preocupação especial com a infância, percebida como riqueza em potencial da nação, constituíram as peças mestras deste jogo de agenciamento das relações intrafamiliares. À mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio. Completamente, a criança passou a ser considerada como ser especial, que requeria todos os cuidados dos médicos, novos aliados da mãe, não obstante sua ampla utilização nas camadas pobres da população. (RAGO, 1985, p. 62).

Imagem 22- Dê lhes ENO!



Fonte: Jornal A União, Quarta-feira, outubro de 1933, p. 05.

Na imagem está escrito: "Nada de purgantes... Dê-lhes ENO! Entre os problemas que mais preocupa toda mãe há o de evitar que seus filhos sofram da prisão de ventre. Usar purgantes drásticos seria perigoso além de inútil, uma vez que assim não se corrige o mal. Existe porém um meio seguro, inofensivo e agradável para promover saúde e naturalmente a limpeza intestinal: Uma colherzinha de Sal de Fruta Eno. Periodicamente, num copo d' água".

Entre os problemas que mais preocupam toda mãe é o de evitar que seus filhos sofram da prisão de ventre, ao observar a imagem é possível identificar a mãe cuidando de seu filho e outra mulher que está por trás que vem trazendo o medicamento Eno para o bebê, poderíamos supor que seria uma mulher mais madura e que teria a voz da experiência e por isso indicaria o medicamento. As palavras “Proteja a saúde de toda a família” demonstra que o medicamento Eno é indicado para todas as idades e para todos os membros da família. A mulher como a responsável e saneadora, principalmente as mães que eram as responsáveis por iniciar a educação higiênica, moral, cívica e religiosa das crianças e da família.

É importante ressaltar que a preocupação com sua educação visam prepará-la não para a vida profissional, mas sim para exercer sua função essencial: a carreira doméstica. Os conhecimentos que adquirisse deveriam, portanto, auxiliar a dissipar os antigos preconceitos que povoavam sua mente fraca e torná-la uma companhia mais agradável e interessante ao homem. Todo o homem deleita-se em que a sua esposa seja forte, robusta e carinhosa e somente abundante saúde pode dar esta qualidade. Se essa saúde falta, os medicamentos é a fonte de robustez para os debilitados.

Imagem 23- A mocidade de hoje

A mocidade de hoje

A época actual tende a cultivar ao maximo possivel as actividades phisicas da mulher. Na idade de seu desenvolvimento as meninas conseguem mais saúde e belleza participando nos desportos e exercicios ao ar livre.

Meninas acanhadas ou delicadas, sem o desejo natural por semelhante actividade, devem receber um estimulo para taes exercicios, com o uso de um producto medicinal tonificante que, como a Emulsão de Scott, lhes augmente a nutrição, ajude a criar sangue rico, vivacidade, robustez e formas perfeitas.

Assegure o bem estar futuro ás suas filhas, dando-lhes agora a

Emulsão de Scott
Rica em Vitaminas

Fonte: Jornal A união, Sábado, 6 de fevereiro de 1929, p. 3

De acordo com a imagem fica nítida a preocupação com o corpo da mulher desde a sua mocidade para que estivesse sadio para o futuro, observamos a menina transparecendo ter um corpo forte e saudável isso porque toma o medicamento Emulsão de Scott. Notamos uma menina praticando natação, uma forma de praticar atividade física “na idade de seu desenvolvimento era porque as meninas conseguiriam mais saúde e beleza participando dos exercícios ao ar livre”. Meninas acanhadas ou delicadas, sem o desejo natural por semelhante atividade, devem receber um estímulo para tais exercícios, como o uso de um produto medicinal tonificante, que com a Emulsão de Scott, lhes ajude a criar sangue rico, vivacidade, robustez e formas perfeitas. No entanto, cuidar desse corpo na mocidade permitiria serem futuras mães sadias.

Imagem 24- Gynosédol o remédio das senhoras!



Fonte: Jornal A União- Sábado 15 de janeiro de 1927, p. 5.

O útero, segundo a medicina dos séculos XIX e XX, seria um possível causador de grandes males no funcionamento do corpo. Diante de tamanha fragilidade, o corpo feminino seria um dos principais alvos da medicina no século XIX e início do século XX. Dessa forma, outro aspecto que notamos nas propagandas é a temática das “doenças” causadas pelo sistema reprodutor feminino. É uma constante nos jornais a presença de produtos destinados a curar os “encommodos” das mulheres. O poder do discurso médico tornou os eventos biológicos femininos em doenças e contribuiu para a ideologia das diferenças sexuais de gênero. Este discurso teve como consequência, uma medicalização do corpo feminino, tendo como principal órgão o útero, que trata a “gravidez e a menopausa como doença, transformando a menstruação em distúrbio crônico. Ter saúde, ter felicidade era ter útero e ovários saudáveis. Conforme o anúncio, o medicamento agia na cura das dores do útero e nos ovários, suspensão brusca das regras, debilidade uterina, regras demasiadas, regras escassas, afecções histéricas, entre outros sintomas.

Imagem 25- Robusta e Formosa!

**De Môcinha
a Senhora—
Robusta e Formosa**

Assegure para suas filhas esse apreciado atractivo e vivacidade que unicamente transparecem com a bôa saude. Assegurar-lhes bem-estar com um desenvolvimento normal para que estejam aptas a cumprir a missão de esposas e mães sem prejuizo de sua suade.

Dê-lhes EMULSÃO DE SCOTT em todos os periodos de debilidade e evitará a Anemia, Chlorose, Enfraquecimento, etc. E o reconstituente incomparavel e um alimento concentrado sem drogas nem alcool.



EMULSÃO de SCOTT
Rica em Vitaminas

Fonte: Revista "A Cigarra", 1927²⁵.

Assegurar-lhes bem-estar com um desenvolvimento normal para que estejam aptas a cumprir a missão de esposas e mães sem prejuízo de sua saúde e isso era possível com o medicamento Emulsão de Scott. Destinada pela natureza a gerar a vida, a mulher foi eleita, pelo discurso médico, uma aliada na educação higiênica dos futuros cidadãos, sendo revestida de responsabilidades morais e sociais para com ela e com a família (marido e filhos). A medicalização da família e a normatização da sociedade dependiam fundamentalmente dela, que se tornou figura central na investida do saber médico, uma vez que era responsável pela geração e socialização primária das crianças. Ela não poderia cumprir seu papel se sua saúde não estivesse perfeita.

A representação da mulher na propaganda remete ao papel tradicional da mulher, como mãe, esposa e dona de casa. Os jornais e as propagandas enfatizavam, em sua maioria, a defesa da família Brasileira, ou seja, um determinado tipo de família proposto como modelo, caracterizando a tentativa de perpetuar uma forma específica de dominação de relações, papéis e representações sociais. As propagandas de medicamentos no jornal a união destinadas à mulher, explora o desejo e o sentimento de felicidade e utiliza do recurso da analogia para

²⁵Essa revista está disponível in: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/>. Acesso dia 20 de abril de 2019.

comparar os filhos e o esposo ao jardim que ela possui dentro de casa. Porém, sem saúde, a mulher não conseguiria cuidar do seu precioso jardim que necessita de sua atenção para ser regado, podado, cultivado. Entende-se assim que a mulher doente acabaria por colocar a saúde de sua família em risco.

Imagem 26- Graças às Pílulas de Foster sou outra mulher!



Fonte: Jornal A União, Terça- feira, Novembro de 1929, p. 06²⁶

Na imagem contém: “Graças às Pílulas de Foster sou outra mulher! Mulheres achacadas de continuas dores de cabeça, e de dores nas costas nas costas, não podem gosar de ampla felicidade. Soffrem de fraqueza renal. Tem, por isso, o sangue carregado de impurezas e ácidos que os rins não podem filtrar. Para não continuar sob essa infeliz condição devem tomar já o excelente revigorador dos rins, Pílulas de Foster”.

²⁶As letras da imagem estão um pouco apagadas, devido ao jornal está deteriorado.

Na descrição “Graças às pílulas de Foster sou outra mulher”! Na imagem notamos a figura do médico que vulgarizava os preceitos de saúde tanto para a mulher e a criança, no caso da imagem a mulher abre seus braços com alegria por receber o médico que iria solucionar suas dores e lhe indicar um medicamento que lhe trouxesse saúde e felicidade. No entanto, mulheres que teriam dores de cabeça e dores nas costas, não podem gozar de ampla felicidade.

No final da década de 1920, as *Pílulas de Foster*, cujo fabricante também se utilizava da estratégia de ora dirigir seu anúncio para os homens ora para as mulheres, prometiam, entre outras coisas, combater as dores nos rins, reforçavam a relação entre doença e ausência de beleza e acrescentavam a representação da mulher doente como portadora de “um aspecto envelhecido” Ou seja, a mulher doente era feia, velha e infeliz. Vale à pena destacar o fato de que, apesar dos anúncios veicularem imagens de mulheres jovens que envelheciam antes do tempo por causa de moléstias, foram raras as representações de mulheres idosas, na imprensa, tanto em textos quanto em ilustrações:

Imagem27- Nossa Avósinha sabe!



Nossa avósinha sabe

Em materia de saúde não ha melhor professora do que a experiencia de muitos annos. Portanto não é de admirar que a nossa Avósinha, venha a ser uma autoridade. E é ella quem diz: "Quando eu era pequeninha, meus Paes me deram Emulsão de Scott. Continuei a tomal-a quando ás vezes me sentia atacada da menor debilidade e por isso poucas vezes estive adoentada. Depois de casada dei-a aos meus filhos que se crearam sadios e robustos. Por isso insisto agora a que se a dê aos meus netos afim de que elles creçam tambem sadios e fortes.

"E agora, já avançada em annos, para livrar-me dos achaques da velhice, continuo a tomar a

Emulsão de Scott

Fonte: Jornal A União, Domingo, 29 de abril de 1929, p. 3.

Na descrição é possível observar as fases da vida de uma mulher, desde a infância até as idades mais avançadas, está é uma tática frequentemente usado pelo periódico, mostrar como a Emulsão de Scott é eficaz e imprescindível durante toda a trajetória feminina, portanto, deve ser durante toda a vida. Na descrição da imagem contém o seguinte: “Em matéria de saúde não há melhor professora do que a experiência de muitos anos. Portanto não é de admirar que a nossa avósinha, venha a ser uma autoridade. E é ela quem diz: “Quando eu era pequeninha, meus pais me deram Emulsão de Scott. Depois de casada dei-a aos meus filhos que se criaram sadios e robustos. Por isso insisto agora a que se dê aos meus netos afim de que eles cresçam também sadios e fortes”.

A educação feminina tornava-se ponto chave para a medicina, pois através dela se pretendia o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país. A “nova mulher”, submetida a tutela medica, além de se constituir como agente familiar da higiene moral tornava-se o estandarte da moral da sociedade. Dessa forma as normas médicas deveriam ser transmitidas pelas mães as filhas. Existia uma preocupação intensa com as mulheres que transgrediam o modelo de esposa-mãe. Criticavam-se aquelas que não cuidavam bem do filho seja por que seriam mulheres da má índole, negligentes e egoístas, mais preocupadas com os prazeres da vida mundana, em nome do trabalho ou de uma atividade produtiva intelectual.

Em um dos exemplares do Jornal A União de 1926, encontramos uma propaganda ao apresentar as “riquíssimas vitaminas” A e D a Emulsão de Scott utilizava como estratégia para atrair o consumidor à concepção de “necessidade”, apresentava como “Elemento vital que defendia o organismo contra as infecções”. “Servia” para todas as idades, independente do gênero. Estabelecia, assim, um laço de confiança transmitindo a sensação da proteção à criança, estando em sintonia com os discursos médicos higienistas e eugênicos da época.

Percebe-se que a noção de felicidade e completude da mulher se estende entre os muros de seu lar: casa e quintal. Essa idéia enfatiza o discurso de que o lugar da mulher é em casa, no espaço privado. A propaganda destaca que as doenças típicas femininas que tornam a vida da mulher um martírio atrapalhando o cumprimento de seu papel de produzir bons e saudáveis cidadãos para a Pátria. Dessa forma, a saúde deveria ser restituída no menor tempo possível, usando métodos menos invasivos e perigosos que as cirurgias. Os medicamentos atentos ás necessidades de seus consumidores (as) oferecia o alívio e a cura dos males, usando de uma estratégia constantemente utilizada nas propagandas do período: o depoimento de pessoas que

foram curadas com o medicamento ou o aval do especialista que assinava e garantia e a eficácia do produto.

Devido aos “sofrimentos que lhe são peculiares”, inúmeras propagandas de fortificantes se comprometem a amenizar e devolver a força e a vitalidade aos corpos “debilitados” das mulheres. A propaganda da *Emulsão de Scott* explora o desejo de ter uma aparência mais saudável: “Saúde, Vivacidade, Bôas cores, formam o atrativo que encerra a felicidade da mulher. Consegue tomando a legítima Emulsão de Scott”. Fortalece sem alcoolisar o organismo”, só assim a mulher conseguiria um pouco de felicidade na sua “vida amargurada pela dor”.

Imagem 28- Mães!



Fonte: Jornal A União, Quarta-feira 4 de janeiro de 1928, p. 03.

No discurso deste anúncio está presente também o poder disciplinar que a mãe teria que ter para fortificar seu filho para não ser fraco nem esgotado. O licor de cacau é indicado no tratamento da verminose, especificamente destinada ao tratamento das infestações. O filho precisava de uma mãe informada, com conhecimentos técnicos, orientada sobre a formação e os cuidados com o bebê não só quando esteve crescendo, mas também em sua gestação.

A cooperação da mulher com o futuro tornou-se uma retórica nacionalista, preocupada com o desenvolvimento e com o progresso. Sustentavam a concepção embasada em dupla estratégica- proteção e assistência do Estado ou filantrópica para as mães pobres difusão da puericultura para as mães das classes média e alta urbanas. Ser mulher significava atender a sua natureza feminina no que se referia a de ser mãe zelosa e boa esposa e assim cumprir sua missão social de formadora e educadora dos futuros cidadãos fortes, sadios e produtivos. Ela também deveria cuidar da sua saúde frágil, o “lado negro” da natureza feminina, que a debilitava e a incapacitava para as atividades físicas, psíquicas e intelectuais. Para isso, contava com as descobertas da ciência e a ajuda dos especialistas em problemas femininos.

É possível perceber que os jornais tinham grandes prestígio, pois serviam como um instrumento de utilidade pública e também de divulgação de idéias e representações em um contexto histórico em que era o principal meio de comunicação. A preocupação com a higiene também tomava conta das propagandas que ofereciam produtos para a higiene do corpo e da casa: sabonetes, pasta e escova de dente, papel higiênico, artigos para *toilette* como espelhos, banheiras e vaso sanitário, desinfetantes, vassouras. Contudo, nem todas as pessoas conseguiam adquirir tais produtos e os velhos hábitos faziam parte do cotidiano da população com menor poder aquisitivo, o que motivava a intensa campanha pela cura das doenças sociais.

Outro elemento interessante é o papel do médico, detentor do saber científico e, portanto, legitimado para oferecer um receituário, um tratamento, ou ter seu nome num determinado medicamento. A medicalização da família e a normatização da sociedade dependiam fundamentalmente da mulher. Ela foi considerada figura central na investida do saber médico, uma vez que era responsável pela geração e socialização primária das crianças. De “reprodutora dos bens do marido, a mulher passa a ser a criadora das riquezas nacionais”. No entanto a identidade feminina foi fixada como mãe, seu natural, sua essência, tudo que a constitua era voltado para ao lar.

Para Margareth Rago, independente da classe social a “mulher-mãe” passa a desempenhar um papel fundamental na família. Ela se torna a vigilante, atenta e soberana no seu espaço de atuação, responsável pela saúde dos filhos, do marido e pela higiene do lar num momento em que cresce a obsessão contra os micróbios, a poeira, o lixo e tudo que facilita a propagação das doenças contagiosas.

4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa que envolve sujeitos como mulheres e crianças possibilita várias interpretações por diferentes olhares das ciências, revela um leque de concepções através de várias problematizações, constitui uma rede multidimensional de acontecimentos históricos. Então, para construir este estudo com estes protagonistas, traçamos uma breve cartografia sobre as representações dos sujeitos mãe e criança, numa trama histórica que envolveu maternidade, higienização, beleza, medicalização e saúde. No balançar dessa rede, para sintonizá-los nessa trama, apresentamos o tempo, o espaço e os objetivos percorridos.

O Jornal A União se sobressai nesse processo pedagógico divulgando as ações governamentais na Paraíba no campo da saúde pública, servindo de ponte para os acontecimentos no cenário nacional, podendo então ser concebido como um lugar simbólico de educação dos hábitos higiênicos e eugênico das crianças e mulheres, contribuindo para a veiculação de novas práticas educativas na Paraíba. Nas últimas décadas tem crescido o número de pesquisas sobre a temática do corpo, especialmente a partir da influência da Nova História Cultural, que abriu novas possibilidades de estudos. Entendo os jornais enquanto um lugar de circulação de idéias e divulgação de um saber; dessa forma, a publicação de artigos e normas civilizatórias foi estampada nas páginas do jornal.

As propagandas ajudaram a disseminar e a legitimar o saber médico, pois tinham custo mais acessível e mesmo depois de descartados pelo comprador, circulavam nas mãos de outras pessoas, até mesmo daquelas que não tinham a possibilidade de adquiri-los diariamente. Nas páginas, anúncios e propaganda, na sua grande maioria de medicamentos, vendem e oferecem não só produtos, mas idéias e valores que aos poucos vão sendo absorvidos e reapropriados pela população.

Constatamos que os anúncios de medicamentos analisados nesse ensaio não estavam alheios às discussões que ocorriam sobre a infância em diferentes espaços do governo e da sociedade civil nem ao vínculo entre criança, mãe e família que foi intensamente alimentado pelas mídias dessa época, estimulando o consumo dos produtos voltados para as crianças. Os anúncios analisados possibilitam outras reflexões além das que foram mencionadas, e em todas estão nítidos o poder disciplinar sobre o corpo. Compreendemos que há nesses anúncios uma mercantilização da família sob o argumento da necessidade. E assim, passaram a vender ‘soluções’ sob o argumento do corpo ideal da criança para a Pátria, na qual o “futuro da nação” dependia de ter crianças sadias, robustas, com ossos rijos, dentes fortes e moralmente

higienizadas e a mulher deveria está robusta e saudável para cuidar do seu lar. Seja a mulher filha, mãe, esposa, trabalhadora e pertencente a uma nação, deve estar em dia com sua saúde só assim poderá está em dia com suas obrigações na sociedade.

Constatamos que ao projetar a degeneração dos brasileiros a partir da doença os intelectuais construíram a “esperança” de que era possível ter “novos” brasileiros e essa possibilidade estaria em regenerar não só as crianças, mas a família. Na Paraíba, esta bandeira foi propagada por muitos médicos, entre eles, destacamos a atuação do Dr. Flávio Maroja.

Feitas essas observações, concluímos a investigação identificando que os princípios da eugenia pensados para o Brasil se apropriaram das idéias de “evolução da raça” para construir uma nação moderna, um povo civilizado e com progresso para eliminar os “males” sociais. Esta política tinha princípios biológicos como uma forma de controlar a vida e os corpos das pessoas, legitimando a biopolítica sobre a nação considerada uma “raça atrasada” . É bom lembrar que a vida é uma oficina, onde estamos sempre construindo conhecimentos, seja, essa oficina das artes, das ciências, ou seja, essa apenas para higienizar; os corpos, as crianças, as mulheres e homens de uma nação.

Esperamos que o trabalho aqui apresentado contribuía para esse processo e que estimule a produção de novos estudos e o aprofundamento desse debate, tomando como objeto as formulações que aqui discutimos, mas, não menos importante, outras vertentes não exploradas, tendo como fundamento a produção de novas e potentes relações objetivas e subjetivas no território da saúde. Mas que no tocante a pesquisa que iniciei ainda continua como projeto futuro para aprofundar as questões que foram colocadas nesse trabalho.

5-REFERÊNCIA:

FONTES:

Arquivos Documentais:

- a) Arquivo da Biblioteca Municipal do Município de Esperança – PB.
- b) Acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB.

PERÍODICOS:

Jornal A União, Esperança – PB. Edições de 1926 a 1935. Arquivo da Biblioteca Dr. Silvino Olavo.

BIBLIOGRAFIA

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BARROS, José D^o Assunção. **Nova História Cultural** – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1^o sem. 2011.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Prefácio de Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; Tradução: André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BRITES, Olga. **Infância, higiene e saúde na propaganda** (usos e abusos nos anos 30 a 50). Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, n^o 39, p. 249-278, 2000.

BRITES, Olga; NUNES, Eduardo Silveira Netto. **Infâncias e propagandas em revistas: anos 1920 – 1950**. In: Revista Tempos Históricos, Volume 16 - 1^o Semestre – 2012 – p. 87 - 118 Históricos. ISSN 1517-4689 (Versão impressa) 1983-1463 (versão eletrônica).

BRITES, Olga. **Imagens da infância: São Paulo e Rio de Janeiro, 1930/1950**. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1999.

BRITES, Olga. **Infância, trabalho e educação**. A Revista Sesinho (1947-1960). Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1992.

CARVALHO, Marinalva Bezerra Vilar de. **“O médico disse que estou magrinho”**: Alimentação na infância como uma prática educativa na Paraíba (1918 a 1937). Campina Grande-PB. 2017, p. 01-210.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

- CERTEAU _____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 2002.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CORBRIN, Alain. **Saberes e odores: O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX.** São Paulo: Companhia das letras, Amaro; João Regis de Amorim, Rio do meio, 1987.
- COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. **História do rosto - Expressar e calar as emoções: (do século 16 ao começo do século19).** Tradução: Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e Norma Familiar.** Rio de Janeiro: Edições Geral, 1979.
- DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia (Orgs). **História do corpo no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp. 2011.
- DONNANGELO, M.C.F. **Saúde e sociedade.** São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- EDLER, Flavio Coelho. **Boticas & Pharmacias: Uma História Ilustrada Da Farmácia No Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2006.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **A imprensa operária no Brasil. 1880-1920.** Petrópolis: Vozes, 1978.
- FOUCAULT, MICHEL. **MICROFÍSICA DO PODER.** 8. ED. RIO DE JANEIRO: GRAAL, 1989.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber.** 2º. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 174.p.
- GOEELNER, Silvana V. A Produção Cultural do Corpo. In LOURO, Guacira L.NECKEL, Jane Felipe. GOEELNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade. Um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.
- GONDRA, José Gonçalves. Homo Hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem. *Cad. Cedes, Campinas*, v. 23, n. 59, abril, 2003, p. 25 – 38.
- LAQUER, Thomas Walter. **Inventando o sexo: O corpo e gênero dos gregos a Freud.** 1º. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 313 p.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política.** 2. Ed. São Paulo. Paripurus. 1986.
- LE GOFF, J. **História e Memória.** São Paulo: Ed. Unicamp, 1996. [Original dos ensaios:

1987-1982] [Original do livro: 1990]. Disponível em: E-Book site: LeLivros.Info Acesso em: 15 ago. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo Educado** - Pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, 2ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUENGO, Fabiola Colombani. **A vigilância punitiva: A posição dos educadores no processo de patologização e medicalização da infância.** [online] São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: . Acesso em: 10 jan. 2017.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al. (Org). **Fontes Históricas.** 2º. ed. São Paulo: Contexto, 2008. Cap. 4, p. 111-154.

KIRPATRICK, Jerry. **Em defesa da propaganda:** argumentos a partir da razão, do egoísmo ético e do capitalismo laissez-faire. Tradução: Madureira, Gisela. Ed. Geração Editorial, São Paulo, 1997.

MATEUS, Samuel. Publicidade e Consumo nas Sociedades Contemporâneas. Covilha: Livros LabCom. Books 2011.

MOURA, Vera Lúcia Braga de. **A Invenção da infância:** as políticas públicas para a infância em Pernambuco (1906-1929). Tese de Doutorado - Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2011.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Façamos a família à nossa imagem:** a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30). Tese Doutorado em História, FCH. Recife, UFPE, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: _____. Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. Cap. 2, pp. 9-21. _____.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PERROT, M. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007, p. 166.

QUEIROGA, Maria do Socorro Nóbrega. Discursos republicanos e governo da infância. In: Revista Educação em Questão. Natal, v. 50, n. 36, p. 3-8, set./dez. 2014. Disponível em: Acesso em: 19 jun. 2017.

RAGO, Margareth, **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ROSE, N. Medicine, history and the present. In: PORTER, R.; JONES, C. (Orgs.) Reassessing Foucault. London: Routledge, 1994. p. 48-72.

SANTOS, Leonardo Querino Barbosa Freire dos. **Entre a ciência e a saúde pública: a construção do médico paraibano como reformador social – 1911- 1929**. Dissertação de Mestrado, 254f. - Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande, PB. 2015.

SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**: 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **“Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres”**. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 99-110.

SANT' ANNA. Denise Bernuzzi. **Corpo de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SOARES JR., Azemar dos Santos; ARRUDA, Ramon Limeira Cavalcanti de. **“Sobre a necessidade de cuidar da perfeita educação”**: Flávio Maroja e sua política médico-pedagógica. In: *Sæculum - Revista de História* [31]; João Pessoa, jul./dez. 2014. p.121-140.

SOARES JR., Azemar dos Santos. **Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História - UFPB, 2011. p.193. Disponível em: Acesso em: 07 out. 2016.

SODRÉ Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo: Uma história da higiene corporal**. Tradução do Francês: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 297 pg.

ANEXOS

ANEXO I

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES SOBRE O INSTITUTO DE PROTEÇÃO DE ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA.



Fonte: *Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Parahyba* - João Pessoa, Ano VIII, nº 1933.²⁷

²⁷Imagem retirada da dissertação de mestrado de Marinalva Bezerra Vilar De Carvalho.